



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Ângela Maria de Melo Araújo

**VOZES FEMININAS:  
NARRATIVAS ENTRELAÇADAS EM *OS TESTAMENTOS*, DE MARGARET  
ATWOOD**

Campina Grande - PB

2024

ÂNGELA MARIA DE MELO ARAÚJO

VOZES FEMININAS:

NARRATIVAS ENTRELAÇADAS EM *OS TESTAMENTOS*, DE MARGARET ATWOOD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua Inglesa.

Orientador: Professor Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Campina Grande – PB

2024

A663v

Araújo, Ângela Maria de Melo.

Vozes femininas: narrativas entrelaçadas em *Os testamentos*, de Margaret Atwood / Ângela Maria de Melo Araújo. – Campina Grande, 2024.

54 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva".

Referências.

1. Análise Literária. 2. Crítica e Interpretação Literária. 3. Literatura Canadense. 4. Vozes Femininas. 5. Distopia. 6. Corpos Femininos. 7. Opressão Social – Sexo Feminino. I. Silva, Suênio Stevenson Tomaz da. II. Título.

CDU 82.09

ÂNGELA MARIA DE MELO ARAÚJO

VOZES FEMININAS:

NARRATIVAS ENTRELAÇADAS EM *OS TESTAMENTOS*, DE MARGARET ATWOOD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua Inglesa.

Trabalho aprovado em: 21 / 05 / 2024

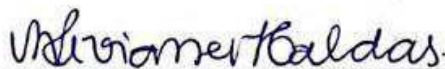
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva  
Orientador – UAL/UFCG



Profa. Dra. Isis Milreu (UAL/UFCG)  
Examinadora



Profa. Dra. Viviane Moraes de Caldas (UAL/UFCG)  
Examinadora

Dedico este trabalho para as mulheres que com coragem e determinação, empenham-se na luta pelos direitos femininos, enfrentando adversidades, quebrando barreiras e inspirando mudanças.

## AGRADECIMENTOS

Esta monografia representa meu testamento, testemunho de um processo na universidade e uma parte significativa de minha vida. Neste sentido, expresso minha gratidão a todos e a todas que generosamente tornaram possível este estudo.

Agradeço primeiramente a Deus por todas as oportunidades de pesquisa acadêmica que me foram concedidas. Por suas bênçãos que têm sido evidentes em cada descoberta, em cada avanço, e em cada desafio superado.

À Virgem Maria, meu maior exemplo de mulher. Em momentos de desafio encontrei conforto em sua intercessão, buscando seguir seu exemplo de determinação, força e fé.

À minha mãe, que fez de tudo pela minha educação e sempre torceu por mim. Por sua dedicação e amor incondicional que foram essenciais para eu chegar até aqui. Em cada desafio, encontrei na senhora não apenas uma mãe, mas também uma incentivadora incansável. Por seu apoio que foi meu alicerce, e suas palavras de encorajamento que foram minha força.

À meu pai, especialmente por tornar possível estudar em outra cidade. Por seu apoio financeiro que foi fundamental para que eu pudesse aproveitar essa oportunidade de crescimento pessoal e acadêmico. Cada sacrifício que fez para garantir que eu tivesse essa experiência foi um gesto de amor e dedicação que nunca esquecerei.

As minhas irmãs Gilmara e Vitória, expresso minha gratidão por todo o apoio, incentivo e presença constante ao longo da minha jornada acadêmica. Sou imensamente grata por tê-las ao meu lado.

Ao professor Suênio, meu sincero agradecimento por ter sido não apenas meu professor, mas também um amigo nos últimos quatro anos. Sua confiança em mim para o desenvolvimento das pesquisas literárias ao longo do curso foi um privilégio que valorizo profundamente. Agradeço por todos os convites de colaboração em projetos acadêmicos, que enriqueceram minha experiência e me ajudaram a crescer como pessoa. Quero destacar especialmente a apresentação sobre o estudo da distopia e as obras da escritora Margaret Atwood, que abriram novos horizontes para mim.

À Vivian, Marco, Sinara, Neide, Tone, professoras e professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL). Suas aulas, orientações e conselhos foram importantíssimos para minha formação, bem como para a escrita desta monografia.

Ao professor João Pedro, por seu apoio durante a elaboração da minha primeira apresentação e escrita de artigo na graduação. Sua orientação foi fundamental para o desencadeamento da escrita nesta etapa da minha formação.

Ao PET Educação Conexão de Saberes, grupo do qual faço parte sob a tutoria do professor Alarcon Agra do Ó, com quem pude ampliar significativamente minha visão sobre educação, pesquisa e extensão.

À Carlos e Erminia por acreditarem no meu sonho e ajudarem a torná-lo possível. Seus apoios têm sido imprescindíveis para minha permanência no curso e para a realização desta pesquisa.

À Maria Júlia, uma amiga incrível que tem sido um apoio fundamental em minha caminhada acadêmica, desde os tempos do PIVIC. Por sua ajuda, especialmente na escrita acadêmica, pois sem ela, eu não teria aprendido tanto.

À Daniela, minha querida amiga, agradeço por compartilhar comigo a jornada acadêmica, repleta de alegrias, desafios e conquistas. Suas palavras de incentivo e seu companheirismo tornaram essa caminhada mais leve e significativa.

À Millene, minha amiga e companheira de iniciação científica, que desde o primeiro dia de aula fez de sua presença um grande apoio para mim. Sempre me inspirei em ti por seu amor e dedicação ao curso.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) pela oportunidade de desenvolver um sonho. Estudar nesta instituição tem sido uma experiência transformadora, que me permitiu o ingresso no ensino superior que tanto almejei. Agradeço aos professores, funcionários, colegas que tornam essa comunidade acadêmica tão especial.

Agradeço profundamente a todas as mulheres que fazem parte da minha vida: acadêmicas, mães, religiosas, trabalhadoras. Cada uma de vocês contribuiu para a pessoa que sou hoje.

Que este trabalho acadêmico sirva como inspiração e lembrete da nossa força coletiva. Somos capazes, inteligentes e determinadas. Juntas, construímos uma rede de apoio que nos sustenta e fortalece.

*“There is a stubbornness about me that never can bear to be frightened at the will of others. My courage always rises at every attempt to intimidate me.”<sup>1</sup>*

(Austen, 2017, p. 122).

*“Nolite te bastardes carborundorum.”<sup>2</sup>*

(Atwood, 2017, p. 65)

---

<sup>1</sup> “Há uma teimosia em mim que nunca suporta ser amedrontada pela vontade dos outros. Minha coragem sempre se eleva a cada tentativa de me intimidar” (Austen, 2017, p. 122, tradução nossa).

<sup>2</sup> “Não permita que os bastardos reduzam você a cinzas” (Atwood, 2017, p. 65, tradução nossa).



## RESUMO

Em muitas distopias, a história é contada a partir de um único ponto de vista, geralmente o de uma protagonista que desafia o regime opressor. No entanto, diferentes vozes permitem entender melhor as características do mundo distópico, incluindo as motivações das personagens e as diferentes experiências das mulheres em um cenário opressivo. Esta pesquisa se propõe a realizar uma análise da obra *Os testamentos*, publicado em 2019, da escritora canadense Margaret Atwood. Sendo assim, nosso objetivo é analisar o entrelaçamento das vozes femininas no romance, investigando como essas vozes conversam entre si para retratar e resistir às estruturas opressivas que moldam o universo distópico do romance. Para tal, procedemos de um estudo que se fundamenta em um sólido aporte teórico, destacando as contribuições de Moylan (2016), Xavier (2007), Cavalcanti (2006) e Candido (2014). Ao concluirmos nossa análise verificamos uma ampliação da profundidade das personagens femininas na narrativa, com destaque para Tia Lydia, cuja evolução passou de autoritária para estrategicamente subversiva, revelando a capacidade de adaptação em contextos distópicos. A interação entre Tia Lydia e outras personagens, como Daisy e Agnes, demonstrou como a união entre mulheres pode subverter estruturas de poder já estabelecidas. A trajetória de Agnes representa a busca pela verdade, ressaltando a importância de explorar novas alternativas em sociedades opressoras. Daisy, por sua vez, se destaca por sua determinação em desafiar o regime totalitário de Gilead, subvertendo a objetificação e controle dos corpos femininos. Por fim, essas protagonistas ilustram a resistência feminina e a capacidade de transformar realidades opressivas por meio da colaboração.

**Palavras-chave:** vozes femininas; literatura canadense; distopia; corpos femininos; opressão.

## ABSTRACT

In many dystopias, the story is told from a single point of view, usually that of a protagonist who challenges the oppressive regime. However, different voices make it possible to better understand the characteristics of the dystopian world, including the motivations of the characters, and the different experiences of women in an oppressive setting. This research aims at analyzing *The testaments*, published in 2019, by Canadian writer Margaret Atwood. Our focus is on the interweaving of women's narrative voices in the romance, investigating how these voices talk to each other in order to portray and resist the oppressive structures that shape the romance's dystopian universe. To achieve this, we conducted a study based on a solid theoretical framework, highlighting the contributions of Moylan (2016), Xavier (2007), Cavalcanti (2006) and Candido (2014). In concluding our analysis, we observed an increase in the depth of the feminine characters in the narrative, especially Aunt Lydia, whose evolution from authoritarian to strategically subversive reveals her ability to adapt to dystopian contexts. The connection of Aunt Lydia with other characters such as Daisy and Agnes, demonstrates how the union among women can challenge established power structures. Agnes' journey represents the search for truth, emphasizing the importance of exploring new alternatives in oppressive societies. Daisy, on the other hand, stands out for her determination to challenge the totalitarian regime in Gilead, subverting the objectification and control of women's bodies. In short, these protagonists illustrate female resistance and the ability to transform oppressive realities through collaboration.

**Keywords:** female voices; canadian literature; dystopia; women's bodies; oppression.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSO DE TIA LYDIA: DE OPRESSORA À SUBVERSIVA ESTRATEGISTA</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Quem foi Tia Lydia?</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>A Queda de Gilead: o papel crucial de Tia Lydia na derrocada do sistema</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>AGNES (A FILHA DA AIA): UM SÍMBOLO DE ESPERANÇA</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>Origem e educação de Agnes em Gilead</b>	<b>25</b>
<b>3.2</b>	<b>Agnes-Tia Victoria: A esperança que transforma</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>DAISY - BEBÊ NICOLE - JADE: UM DOS LEGADOS DE GILEAD</b>	<b>39</b>
<b>4.1.</b>	<b>Daisy: a Bebê Nicole</b>	<b>38</b>
<b>4.2</b>	<b>Jade: Daisy contra Gilead</b>	<b>43</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>51</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é intrinsecamente próprio dos seres humanos e remonta aos primórdios das civilizações. As pessoas têm usado a narrativa como uma ferramenta essencial para registrar acontecimentos e transmitir conhecimentos, mas também como uma forma de sobrevivência psicológica, como por exemplo, em *O conto da aia*, obra na qual a protagonista recorre à narrativa como estratégia para manter sua sanidade mental e identidade individual. Na ficção distópica, em que a realidade pode ser sombria, opressora e desafiadora para muitos, a importância de narrar se expande ainda mais. Em *Os testamentos*, produção da escritora e crítica literária canadense Margaret Atwood, publicado em 2019 e traduzido para o português brasileiro por Simone Campos, a relevância do ato de contar uma história é amplamente explorada. Ambientado no universo distópico de *O conto da aia*, publicado em 1985, a sequência da narrativa apresenta uma sociedade teocrática totalitária e patriarcal conhecida como República de Gilead, em que as mulheres são subjugadas e privadas de seus direitos fundamentais básicos.

Neste cenário desolador, a transcrição dos relatos das narradoras exerce um papel vital na resistência e na sobrevivência delas. *Os testamentos* de Atwood revelam como narrar se torna um ato de coragem e subversão, uma forma de se impor contra o regime autoritário de Gilead e de preservar a esperança que ainda prevalece. A desconstrução do sistema opressor se dá através do entrelaçamento das vozes das personagens narradoras: Tia Lydia, Agnes e Daisy. Essa estrutura narrativa multifacetada oferece uma visão ampla das várias formas que o regime de Gilead afeta as vidas das pessoas e como diferentes mulheres respondem a essa opressão. Tia Lydia, uma mulher mais idosa, oferece uma visão interna de como funciona o sistema opressor e de suas motivações e escolhas para construção e manutenção das regras que servem de alicerce para a sociedade. Agnes traz as experiências das mulheres criadas dentro do regime, enquanto Daisy representa a perspectiva da geração que cresceu fora de Gilead, mas que ainda sofre as consequências de sua fuga.

O enredo da obra revela não somente a resistência das protagonistas femininas diante da imposição do regime, mas problematiza os mecanismos de poder em sociedades distópicas, destacando a relevância contínua da “ficção especulativa”, isto é, é factível prever em um futuro próximo o que foi descrito no universo da ficção narrativa para entender e confrontar os desafios enfrentados nos nossos dias atuais. Sendo assim, a literatura de distopia contemporânea nos convida a refletir sobre questões importantes para a nossa sociedade, nos alerta para os perigos

de determinados caminhos políticos, sociais e tecnológicos, bem como nos inspira a valorizar a liberdade de expressão.

As vozes conectadas retratam experiências individuais das mulheres na vivência em uma sociedade distópica, bem como atuam como ferramenta poderosa de resistência das demais. Ao se unirem e compartilharem suas histórias, as personagens femininas contribuem para a desconstrução gradual do regime totalitário. Diante disso, nos propomos a analisar o entrelaçamento das vozes femininas narrativas em *Os testamentos*, investigando como essas vozes conversam entre si para retratar e resistir às estruturas opressivas que moldam o universo distópico do romance.

Para realizarmos esta pesquisa, estabelecemos como objetivos específicos, a saber: 1) analisar como a distopia crítica, conforme definida por Moylan (2016), se manifesta em *Os testamentos*, de Margaret Atwood; 2) investigar as vozes narrativas das personagens Agnes Jemima, Daisy e Tia Lydia na transcrição de seus relatos e seu papel na construção da narrativa; 3) examinar a representação do corpo feminino, destacando a opressão e a resistência relacionadas a esses corpos no contexto da sociedade distópica do romance.

Acreditamos na importância desta pesquisa, uma vez que em *Os testamentos*, Atwood oferece uma perspectiva complementar em relação ao livro *O conto da aia*, reconhecido mundialmente e objeto de várias análises literárias no meio acadêmico. Essa obra ressoa alguns dos desafios e questões mais atuais enfrentados pelas mulheres: as políticas de controle e o corpo feminino. Ao explorar esse livro podemos entender como as preocupações e debates desses temas têm evoluído com o tempo, visto que o romance é publicado mais de 30 anos depois de *O conto da aia*. Além disso, a escolha desta produção como *corpus* de análise derivou-se de experiências anteriores dentro da academia, como o Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), no qual realizamos um estudo no ano de 2022, intitulado: “*O Conto da Aia e Os Testamentos: As Distopias Feministas Contemporâneas de Margaret Atwood*”. Essa experiência despertou o interesse tanto pela obra quanto pela área de estudo, a distopia crítica. Como resultado, decidimos ser válido dedicar-nos a estudar mais a fundo essa área e contribuir para novas pesquisas. Ao investigar sobre uma obra contemporânea, ela pode desafiar a estagnação do cânone literário de modo que possamos introduzir novas perspectivas, temas e estilos de escrita que não são tradicionalmente reconhecidos como parte importante do meio literário geral.

Destacamos que, em termos metodológicos, nos propomos a realizar uma pesquisa qualitativa e interpretativa, seguindo o modelo delineado por Moreira e Caleffe (2006) tendo em vista que se baseia em uma análise de materiais já existentes, como obras literárias e

produções acadêmicas. O trabalho será pautado na articulação da leitura, interpretação e suporte teórico. A estratégia utiliza-se de três meios: seleção, imaginação interpretativa e articulação com o argumento desenvolvido, partindo da equação que se entende como: “pesquisa em literatura = interpretação + aparato acadêmico” (Durão, 2020, p. 15). A fundamentação teórica está integrada à análise, colaborando para a elaboração da investigação em conjunto com o *corpus* literário escolhido. Este estudo fundamenta-se em um sólido aporte teórico, destacando as contribuições de Moylan (2016), Xavier (2007), Cavalcanti (2006) e Candido (2014). Esses estudiosos e estudiosas são peças-chave nesta pesquisa como forma de fundamentação da nossa análise.

No primeiro capítulo desta monografia, o foco recai sobre a personagem Tia Lydia dentro do contexto distópico de Gilead. A escolha de iniciar nossa investigação por essa mulher se deve à carga simbólica do termo "tia", que remete uma imagem afetiva e familiar, contrastando com a realidade da personagem, característica que evoca a distopia. O uso do termo acentua o aspecto irônico e satírico do texto distópico. A designação de "tia" é emblemática, pois, ao invés de representar a figura acolhedora e amorosa que, na maioria das vezes associamos a esse termo, ela personifica a autoridade opressiva e manipuladora do regime de Gilead. O capítulo se divide em dois subcapítulos. No primeiro subcapítulo, exploramos a origem de Tia Lydia, o seu papel na formação de Gilead e a sua importância como estrategista-chave na manutenção do regime opressor. No subcapítulo seguinte, analisamos o papel fundamental da personagem na resistência contra Gilead, explorando suas estratégias subversivas e como sua voz, uma vez usada para oprimir, torna-se um instrumento essencial na queda do regime.

No segundo capítulo, Agnes é selecionada como figura central, cuja trajetória simboliza a interseção da opressão política, controle do corpo e subjetividade feminina nas distopias feministas. Sua história pessoal, seu despertar para as injustiças e sua determinação em lutar por um mundo melhor, a transformam em um símbolo de esperança. Essa evolução reflete a capacidade das mulheres de resistir e buscar a liberdade, mesmo diante de circunstâncias extremamente adversas. O capítulo está dividido em duas partes relacionadas. A primeira explora a infância de Agnes e sua educação sob tutela das Tias em Gilead. Isso inclui uma análise de como essa educação molda sua perspectiva inicial sobre Gilead e destaca o controle e manipulação exercidos na formação da identidade da jovem. A segunda parte foca na transformação da protagonista, na qual examinamos como o ingresso dela na casta das Tias, especialmente após sua (re)nomeação como Tia Victoria, a levou a adquirir um conhecimento

sobre as injustiças do sistema, impulsionando-a a se tornar parte ativa da busca por libertação das mulheres.

No terceiro capítulo, o foco de análise se concentra em Daisy, personagem relevante para o último ato contra Gilead. Sua importância é destacada principalmente pelo uso de seu corpo para levar informações que contribuem para a queda do regime distópico. No primeiro subcapítulo, analisamos seu papel como Bebê Nicole, símbolo demarcado tanto em Gilead quanto fora desse espaço físico, sendo usada pelo regime como propaganda, bem como lembrança de traição e perigo em Gilead. No segundo subcapítulo, examinamos a jornada de Daisy, também chamada de Jade, em sua luta contra o regime teocrático totalitário, destacando seus desafios ao se infiltrar em Gilead e sua busca por formas de resistir e transmitir informações valiosas para a derrocada do referido sistema distópico.

## 2 PERCURSO DE TIA LYDIA: DE OPRESSORA À SUBVERSIVA ESTRATEGISTA

### 2.1. Quem foi Tia Lydia?

A literatura escrita por mulheres ao longo da história tem sido caracterizada por enfrentar constantes desafios. Assim sendo, “no Brasil, como no exterior, a literatura de autoria feminina, de até bem pouco tempo atrás, não existia efetivamente, isto é, não aparecia no cânone tradicional” (Bonnici; Zolin, 2009, p. 328). Essa marginalização histórica de produções femininas ressalta a importância de valorizar o trabalho de autoras, que mesmo em tempos mais recentes, têm contribuído para romper com essas barreiras. Margaret Atwood, uma autora contemporânea, cujo trabalho aborda questões relacionadas a experiências das mulheres, ficção histórica, estilo de prosa, ficção especulativa etc., adota uma abordagem única ao contar a narrativa por meio de transcrições de depoimentos de mulheres. Essa escolha narrativa destaca histórias e perspectivas que frequentemente são silenciadas na literatura e na sociedade em geral.

Para iniciar a análise do nosso objeto de estudo é fundamental entender a evolução da personagem Tia Lydia. Em *O conto da aia*, a personagem é inicialmente apresentada pela perspectiva da narradora e protagonista Offred, uma das que são chamadas de Aias e são oprimidas pela sociedade de Gilead, especialmente pela casta das Tias. Dessa maneira, a visão sobre Tia Lydia é filtrada pelo olhar de Offred que enxerga ela somente como uma figura cruel e autoritária. A partir disso, leitores e leitoras são conduzidos a uma visão dela como antagonista, como uma arquiteta das regras opressivas, impondo com rigidez as normas e os castigos que perpetuam a submissão das mulheres na sociedade distópica. Contudo, em *Os testamentos*, o enredo revela diferentes camadas da personagem que proporciona ao público leitor uma compreensão mais profunda sobre suas motivações e escolhas.

A evolução de Tia Lydia em *Os testamentos* aprimora a personagem, bem como a crítica política e social, marcada pelo poder e pela resistência em meio a um cenário hostil. Em contexto distópico, a resistência dela e de outras personagens em um cenário desolador indica uma aspiração por uma utopia alternativa, provocando reflexões sobre as complexidades inerentes aos sistemas sociais totalitários.

Na narrativa, Tia Lydia revela as reais intenções trazidas pelo governo da República de Gilead: a ditadura. Seus privilégios de ser uma das únicas mulheres que podiam ter acesso aos



livros, considerados extremamente proibidos, garante a ela uma oportunidade de esperança na destruição do sistema à medida que escreve em seu diário pessoal e clandestino:

Escrevo essas palavras no meu gabinete particular dentro da biblioteca do Ardua Hall – uma das poucas bibliotecas restantes após as animadas fogueiras de livros que têm ocorrido em nossa terra. As digitais pútridas e ensanguentadas do passado precisam ser expurgadas para deixar uma tábula rasa para a geração moralmente pura que com certeza vai nos suceder. Em teoria, pelo menos, é isso (Atwood, 2019, p. 12).

A biblioteca de Ardua Hall torna-se um símbolo poderoso, esse refúgio secreto de conhecimento representa uma brecha na narrativa oficial de Gilead, oferecendo à personagem uma oportunidade de minar o sistema de dentro para fora. A narrativa das protagonistas, bem como os documentos proibidos, serão as ferramentas que possibilitaram a derrocada de Gilead. Segundo Barthes (2008, p. 19), “Inumeráveis são as narrativas do mundo. [...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substantivas [...]”. Nessa perspectiva, a multiplicidade de formas narrativas encontra eco nos relatos das narradoras. Em seu diário, Tia Lydia utiliza a escrita como forma de expressão e documentação da sua vida, mesmo em meio aos perigos e restrições que isso representa em Gilead. Ela utiliza essa abordagem como meio de examinar suas escolhas e sentimentos, bem como para manter um testemunho de sua existência em um mundo que frequentemente tenta apagar e silenciar a presença das mulheres. Desse modo, a capacidade de narrar e expressar-se continua sendo uma forma de sobrevivência e preservação da identidade, como é sugerido pelo título da obra.

Os *testamentos* de Margaret Atwood podem ser categorizados no gênero distopia crítica. Nessa esteira de reflexão, faz-se necessário entender suas características e como o gênero vem se desenvolvendo e evoluindo ao longo dos anos. Para isso, iniciamos essa discussão a partir do conceito de utopia. Este termo foi cunhado a partir da publicação da obra *Utopia*, de Thomas More em 1516, que narra uma sociedade ideal onde “[...] os utopienses têm a necessidade de cumprir, à vista de todos, as costumeiras tarefas e de gozarem do honesto prazer” (More, 2017, p. 117). Uma sociedade utópica apresenta uma noção de harmonia dos viventes em que também pode ser usada para criticar as injustiças do mundo presente. Além disso, Atwood argumenta a relação entre utopia e distopia, propondo um neologismo que surge da união dos dois termos. Dessa maneira, “ustopia é uma palavra que inventei ao combinar utopia e distopia — a sociedade perfeita imaginada e seu oposto — porque, a meu ver, cada uma contém uma versão

latente da outra” (Atwood, 2011, p. 66, tradução nossa)<sup>3</sup>. Em síntese, na narrativa que estamos analisando, percebe-se elementos utópicos e distópicos entrelaçados.

Moylan é um estudioso que analisa de maneira mais profunda as propriedades utópicas e anti-utópicas inerentes à distopia, considerado “subgênero invertido da utopia” (Moylan, 2016, p. 42). Ele define uma nova guinada na ficção distópica chamada de “distopia crítica”, que consiste, em “uma continuação da longa tradição distópica e uma nova e distinta intervenção” (Moylan, 2016, p. 142). Essa construção narrativa pode ser observada em alguns dos romances distópicos de Margaret Atwood, principalmente no *corpus* desta pesquisa. Nesse sentido, as distopias críticas:

negociam o pessimismo necessário da distopia genérica com uma postura utópica aberta e militante que não apenas rompe com o fechamento hegemônico dos mundos alternativos ficcionais, mas também recusam, autorreflexivamente, a tentação antiutópica que persiste como um vírus cristalizado em toda narrativa distópica (Moylan, 2016, p. 152).

Certamente, no romance escolhido, é possível identificar a presença dos conceitos de utopia e distopia, como já mencionado. Mesmo diante de um ambiente extremamente adverso e opressivo, especialmente para as mulheres, a personagem Lydia juntamente com as demais narradoras demonstram uma esperança na eventual queda do regime totalitário que as oprime, isso é percebido através de suas narrativas, ainda que de formas distintas.

Tia Lydia é uma figura central nas estruturas de poder da sociedade de Gilead, desempenhando uma função essencial na implantação das políticas opressivas do sistema, desde os primeiros momentos do regime, especialmente pela questão da vigilância. Ela supervisiona as Aias, e também garante que não se envolvam em atividades consideradas subversivas por Gilead, assegurando que todas estejam em conformidade total com as regras implementadas. A partir das críticas surgidas pelo “backlash”<sup>4</sup> do movimento feminista dos anos de 1980, incorporados elementos do fundamentalismo cristão, degradação ambiental, somadas a características de regimes fascistas e consumação dos meios de comunicação, Atwood constrói a imagem de um cenário que ecoa um pesadelo feminista (Moylan, 2016, p. 103). Desse modo, sua vigilância constante é um lembrete vívido do alcance intrusivo do

<sup>3</sup> “Utopia is a word I made up by combining utopia and dystopia — the imagined perfect society and its” (Atwood, 2011, p. 66). opposite — because, in my view, each contains a latent version of the other.

<sup>4</sup> O termo “backlash” é uma reação oposta a um movimento. Moylan menciona o backlash da ala conservadora da nova direita em 1980 contra os avanços dos direitos das mulheres alcançados nas lutas feministas dos anos 70.

governo, permeando a vida das mulheres, levando as pessoas a internalizar as normas, provocando as mulheres a vigiarem umas às outras, contribuindo para a manutenção do sistema.

Na república de Gilead, as Tias vestem uniformes de tonalidade marrom, essas mulheres são detentoras das habilidades de leitura e escrita, e são retratadas como indivíduos de natureza austera e implacável, frequentemente demonstrando brutalidade sob o pretexto de preservar a ordem estabelecida pelos superiores. Nessa perspectiva, a influência das Tias vai muito além de inspecionar, estende-se para a esfera educacional da sociedade, moldando as mentes das que estão sob seus ensinamentos de acordo com a ideologia oficial que rege o local. Elas empregam táticas de doutrinação e reeducação, disseminando os valores que reforçam a submissão sempre em conformidade com o padrão do lugar. Essas mulheres servem como guardiãs da moralidade, impondo vários tipos de sanções para qualquer desvio de conduta aceitável. Seus privilégios da possibilidade de leitura e escrita conferem um proeminente dever de disseminação da narrativa oficial dos superiores que detém o poder, controlando a história e reescrevendo, se necessário, de acordo com necessidades que surgem dentro do sistema.

Antes da ascensão do regime de Gilead, Tia Lydia vivia normalmente até que os filhos de Jacob, marcados pela idealização do regime, buscaram por mulheres fora da idade reprodutiva com carreiras de destaque para assumirem cargos ou funções de controle para as demais castas femininas do regime. Assim, essas mulheres eram sequestradas em seus locais de trabalho pelos anjos – força militar de Gilead. Depois de dias em condições sub-humanas tinham que decidir entre servirem ou serem mortas. No trecho a seguir, percebemos nesse meio distópico que as opções de escolhas para as mulheres são extremamente limitadas: “A vida que levei. A vida – pelo que digo a mim mesma – que não tive escolha senão levar. Houve época, antes do advento do regime atual, em que defender a minha própria vida nem me passava pela cabeça” (Atwood, 2019, p. 44). Nesta passagem, é possível observar que a liberdade de escolha é suprimida pela imposição de leis e regras rígidas, muitas vezes respaldadas pela violência e a coerção psicológica. Em sua reflexão, Tia Lydia destaca a falta de opções que passou a caracterizar sua existência.

As personagens narradoras frequentemente recorrem às suas lembranças quando se veem diante da perda de sua liberdade e mergulhadas em uma realidade totalmente diferente da que costumavam atuar. Tia Lydia resgata memórias de seu passado pré-Gilead que antes era impossível imaginar ou deduzir. A protagonista anteriormente dedicada à defesa das mulheres vítimas de violências, enfrenta um dilema ao se ver compelida a adotar uma postura oposta à sua atuação profissional anterior. Nesse cenário, ela se vê limitada em suas alternativas, não

encontrando caminhos favoráveis diante das circunstâncias desafiadoras que a cercam. No recorte a seguir percebemos uma profunda transformação em sua vida:

Eu era juíza de vara familiar, um cargo que adquiri após décadas de trabalho desgastante e uma árdua escalada profissional [...] Eu agia em prol de um mundo melhor conforme minha visão desse “melhor”, dentro dos limites práticos de minha profissão. [...] Presumia que estava vivendo de forma virtuosa; presumi até que minha virtude merecia moderados aplausos (Atwood, 2019, p. 44).

Nesse prisma, percebemos uma expansão significativa da personagem em *Os testamentos*. Tia Lydia, inicialmente narrada sob um ponto de vista antagônico, torna-se uma personagem mais tridimensional. Essa mudança na representação da protagonista destaca a capacidade de Atwood em criar personagens mais realistas, que fogem dos estereótipos de vilania. A narrativa abre espaço para apresentação de diversas perspectivas de mulheres inseridas em contextos diversos. Assim, a escritora oferece uma visão mais complexa da opressão. Cada personagem feminina traz consigo suas próprias experiências, desafios enfrentados e maneiras pelas quais resistiram. Algumas mulheres como Tia Lydia, através de uma adaptação estratégica, optaram por uma conformidade aparente, enquanto interiormente mantiveram uma postura crítica. Esse tipo de comportamento não apenas promove a resistência imediata, como também contribui para construção de uma base sólida para a oposição a longo prazo.

Em *Os testamentos*, Tia Lydia relembra repetidamente várias situações que ocorreram antes da criação de Gilead, mas especialmente aqueles eventos em que estão relacionados à sua entrada, bem como adaptação na sociedade em que se instala um novo sistema. Seus relatos são marcados por uma mistura intensa de emoções. Na seguinte passagem ela compartilha a dor de perceber sua liberdade ser gradualmente retirada:

Vínhamos dormindo com roupas de trabalho, sem trocar a roupa íntima. Algumas já haviam entrado na menopausa, mas outras não, de forma que o cheiro de sangue coagulado se somou ao do suor, das lágrimas, da merda e do vômito. Respirar era nauseante. Eles estavam nos reduzindo a bichos - bichos de cativeiro -, à nossa natureza animal. Estavam esfregando a nossa natureza animal na nossa cara. Para que nos considerássemos sub-humanas (Atwood, 2019, p. 159).

Sob este relato, é possível entender que a cruza dos regimes totalitários se manifesta através da manipulação dos indivíduos para se adequarem aos próprios interesses do Estado. Esse tipo de regime, muitas vezes, busca anular a liberdade física, a dignidade e a autoimagem

das pessoas. Métodos de tortura física são apenas uma face dessa crueldade nas distopias literárias, enquanto técnicas psicológicas são empregadas para quebrar a resistência e forçar a submissão. Essas técnicas psicológicas podem incluir humilhação pública, isolamento, privação de sono, entre outras formas de abuso mental como mencionado na passagem anterior. O objetivo é minar a autoimagem positiva das mulheres, fazendo-as se sentirem inferiores e desamparadas. Uma vez que as mulheres internalizam essa visão de si mesmas como sub-humanas, é mais fácil para o regime exercer controle sobre elas.

Em narrativas distópicas, as personagens principais muitas vezes redescobrem uma memória “suprimida e subterrânea”, que tem o potencial de transformação e libertação ao desafiar a história oficial, abrindo espaço para novas formas de compreender e existir no mundo (Moylan, 2016, p. 83). Neste sentido, apesar de conhecermos Tia Lydia em *O conto da aia* de Atwood como símbolo de poder, de controle e com alguns privilégios dentre as mulheres, em *Os testamentos* nos é apresentado que também era submetida a violências e opressões. As descrições angustiantes e perturbadoras da condição física das mulheres, com seus corpos expostos à degradação e animalização, destaca a brutalidade em que iniciou a instalação do regime. Atwood denuncia as crueldades e a tirania e traz a questão da importância da narrativa como uma ferramenta para dar voz às pessoas vítimas do regime e expor as condições de vidas e as injustiças vivenciadas.

Pelas características elencadas no parágrafo anterior, percebemos que a escritora utiliza uma linguagem sensorial para descrever a atmosfera nauseante da instalação de Gilead. O “cheiro de sangue coagulado” se mistura ao “do suor, das lágrimas”, criando um ambiente intensamente repulsivo. Essas descrições tornam-se símbolos das condições sub-humanas evidenciadas nessa ficção. Sendo assim, a descrição sensorial pode ser vista como metáfora para o sufocamento das mulheres, das quais até mesmo as funções biológicas são exploradas para reforçar a subjugação do gênero feminino.

No romance, um dos papéis fundamentais de Tia Lydia e das demais Tias, exposto quase sempre em suas falas, é moldar a mente das jovens que vivem em Gilead. Ao afirmar que essas meninas têm menor resistência à realidade violenta do ambiente, Tia Lydia revela a sua função de apagar qualquer resquício de memória das experiências prévias que poderiam vir algum dia a prejudicar a aceitação pacífica das normas. Cabe resgatar uma passagem de *O conto da aia* que ilustra como as Tias são proficientes em modelar o pensamento das mulheres: “você são uma geração de transição, disse Tia Lydia. É muito mais difícil para vocês. [...] Para as que vierem depois de vocês, será mais fácil. Elas aceitarão seus deveres de boa vontade com o acordo de seus corações” (Atwood, 2017, p. 143-144). Desse modo, ao privá-las do conjunto

de recordações da época anterior, as Tias isolam as mulheres sob seu controle, dos possíveis questionamentos e de qualquer ponto de vista distinto.

## 2.2 A Queda de Gilead: o papel crucial de Tia Lydia na derrocada do sistema

Na literatura, muitas das histórias contadas em ficções são apresentadas por apenas um ângulo narrativo, o que pode limitar a verdade dos fatos e as pessoas envolvidas. Ao nos restringir somente em uma única perspectiva corremos o risco de simplificar experiências complexas, ocasionando em algum possível reducionismo, especialmente em contextos distópicos.

Como uma das tias mais influentes, Lydia possui acesso privilegiado à informação, materiais e recursos que permitem que ela possa agir nos bastidores. Pode-se compreender seu papel de destaque em meio às demais tias na medida em que ela narra a construção de uma estátua em sua homenagem, como vemos neste trecho: “apenas os mortos têm permissão para ter estátuas, mas eu ganhei uma ainda em vida [...] Aquela estátua era um pequeno sinal de agradecimento por minhas várias contribuições, dizia o discurso, que foi lido pela Tia Vidala” (Atwood, 2019, p. 11). Desse modo, o fato de ter uma estátua erguida em sua homenagem enquanto ainda está viva sugere o quanto é respeitada e temida na sociedade retratada por Atwood. Esse tipo de reconhecimento público reforça a legitimidade do regime perante a população, é uma forma de educar os demais moralmente, demonstrando reverências e gratificações às figuras mais poderosas pelo serviço prestado no regime totalitário.

Em *O conto da aia*, aprendemos muito sobre Tia Lydia. É nessa produção que somos apresentados à dinâmica da República de Gilead, especialmente a forma como ela foi estabelecida e consolidada, e como as mulheres são divididas em castas com funções específicas na sociedade. Já em *Os testamentos*, a personagem de Tia Lydia é muito mais aprofundada. Ela não é apenas uma figura autoritária e astuta, mas também alguém com sentimentos complexos, dúvidas e sofrimento interior. O percurso desta personagem partiu de uma mulher implacável que alcançou um status de transformação transgressor, tornando-se uma personalidade inspiradora, marcada por sacrifícios pessoais e profundo senso de dever.

Neste sentido, Tia Lydia pode se categorizar no que chamamos de personagens "esféricas" que são aquelas que possuem três dimensões, ou seja, são mais complexas e capazes de surpreender o leitor, enquanto as personagens "planas" são menos complexas e mais previsíveis (Candido, 2014). Desse modo, a complexidade da personagem a torna mais empática aos olhos do público leitor, desafiando a visão mais previsível dela em *O conto da*

*aia*. Além disso, o aprofundamento de Tia Lydia se amplia na medida que é referida como a personagem enigmática conhecida como fonte que faz parte do grupo de resistência *Mayday*, no qual é responsável por fornecer informações e auxílio logístico para a resistência contra o regime de Gilead. Essa personagem assume um importante papel na narrativa, ainda que sua identidade real e origem não sejam reveladas, esses fatores também contribuem para a atmosfera de segredo e intriga na narrativa.

A revelação de que a fonte é, na verdade, Tia Lydia, surpreende às personagens e aos leitores e leitoras, pois Lydia é inicialmente apresentada como parte do sistema opressivo. Essa reviravolta revela a sua verdadeira natureza como uma peça fundamental contra o regime. A personagem Daisy, que será explorada mais adiante nesta análise, ressalta a natureza misteriosa e desconhecida dessa mulher na narrativa ao comentar: “você diz a fonte? - A fonte. Eu só conseguia imaginá-la como uma pessoa com uma sacola na cabeça. Quem seria ela, afinal?” (Atwood, 2019, p. 222). Essa passagem destaca a surpresa da revelação sobre a fonte, contribuindo para uma compreensão mais completa da personagem.

Ao entendermos que existe uma pessoa com a possibilidade de derrubar o sistema, compreende-se muitas características da distopia crítica que reforça os elementos utópicos da narrativa. Moylan explica três formas distintas que os textos distópicos podem assumir a partir de seu posicionamento:

embora todo texto distópico ofereça uma apresentação detalhada e pessimista da pior das alternativas sociais, alguns afiliam-se a uma tendência utópica quando mantêm um horizonte de esperança (ou pelo menos convidam leituras que o façam), enquanto outros apenas parecem ser aliados distópicos da Utopia à medida que retêm uma disposição antiutópica que exclui toda possibilidade de transformação; e ainda outros negociam estrategicamente posições ambíguas em algum lugar ao longo do continuum antinômico (Moylan, 2016, p. 80).

Essa flexibilidade do texto distópico torna o gênero rico em possibilidades de análise sobre o presente e o futuro da sociedade ficcional. Moylan (2016, p. 42) esclarece a distinção entre o que ele chama de distopia clássica ou canônica e a distopia crítica. A considerada clássica segue a linha das narrativas de Forster, Zamyatin, Huxley e Orwell, escritores que contribuíram significativamente para o estabelecimento das principais características desse gênero. Nas argumentações do estudioso, a distopia clássica é certamente um ambiente complexo, que representam sociedades terríveis. Nesses contextos, é possível haver esperança social apenas para além das páginas do texto.

Assim, a dualidade (de opressora à subversiva) de Tia Lydia ilustra bem que, mesmo em ambientes mais distópicos, a contranarrativa pode perseverar através da esperança. Assim, sua capacidade de manipular o sistema ao seu benefício, ao mesmo tempo em que fornece informações à resistência, mostra que mesmo os indivíduos, aparentemente, mais comprometidos com a ordem imposta e estabelecida pelo poder dominante, podem abrigar sentimentos e ações de oposição. Essa luta é evidenciada quando ela menciona:

Em alguns dias me vejo como o Anjo que Registra, coligindo todos os pecados de Gilead, inclusive os meus; noutros dias eu rejeito esse tom tão moralista. [...] todos nós vibramos; estremeçemos, estamos sempre em alerta. Reinado de terror, como costumavam dizer, mas o terror não reina, não exatamente. Ele paralisa. Daí essa calma anormal (Atwood, 2019, p. 297).

Atwood destaca as emoções humanas de Tia Lydia e a capacidade de manter-se firme em cenários extremamente ditatoriais. Isso ressalta a ideia de que independentemente das mais diferentes circunstâncias, sempre haverá pessoas dispostas a lutar pela justiça e buscar um mundo melhor, mesmo que seus métodos e motivações sejam até mesmo contraditórios. Ao se declarar como um “Anjo que Registra”, a protagonista desempenha seu papel de vigilante do regime, bem como sutilmente revela sua própria luta interior como mulher contra a moralidade imposta.

Além disso, no universo distópico de Gilead, o medo que paralisa está intrinsecamente ligado ao temor do castigo. O medo do castigo, seja ele físico, emocional ou psicológico, é o que paralisa os habitantes, especialmente as mulheres, criando uma calma falsa que esconde a intensidade de emoções sufocadas. Vale a pena lembrar que para Lydia havia apenas a opção de ser Tia ou morrer, mas com o passar do tempo a personagem alcançou um certo *status* de poder e influência. Entretanto, ao mesmo tempo está enfrentando um dilema sobre seu futuro e próximas ações em favor de uma causa maior. Podemos perceber essa problemática vivenciada pela personagem no seguinte trecho: “nesse momento sei que ainda tenho algum poder de escolha nesta questão. Não se morro ou não, mas sim quando e como. Não há certa liberdade nisso? Ah, e quem levar comigo se eu cair. Minha lista está pronta” (Atwood, 2019, p. 33). Assim, ela parece resignada em relação ao seu destino, mas ainda vê a possibilidade de exercer algum controle sobre os seus desdobramentos.

Em vista do que apresentamos acerca do medo, adquirir poder é uma tarefa difícil, exigindo anos de coleta de informações relevantes para sentir a segurança de enviá-las para os demais lugares do mundo. Isso exige grandes habilidades como chantagem, manipulação e astúcia. Dessa maneira, Tia Lydia, através de seu relacionamento com o Comandante Judd,



descobre segredos importantes, como descrito por ela: “como ele pôde cometer a obviedade de utilizar veneno de rato? Mesmo em pequena quantidade, é tão fácil de detectar” (Atwood, 2019, p. 373). Essa questão revela que ele utiliza da sexualização de jovens mulheres e que suas Esposas são mortas para haver a possibilidade de casar-se novamente com uma jovem e nova moça. Essa relação de aliança promoveu vários benefícios mútuos para ambos, favorecendo que a estrategista Lydia pudesse conhecer os segredos sombrios que os superiores do regime escondiam.

No romance é demonstrado frequentemente a nostalgia da personagem. Por exemplo, Tia Lydia lembra de uma antiga fábula que leu ainda quando era jovem, sobre Seu Raposo e Dona Gata. Enquanto o Seu Raposo usava truques para exaurir os cães, Dona Gata apenas subia em árvores. No desfecho da narrativa, Seu Raposo é capturado pelos caçadores, enquanto Dona Gata observa tudo de cima da árvore. Assim, Tia Lydia reflete que, assim como usa seus conhecimentos para benefício próprio, também é capaz de apenas observar as tentativas de manipulação dos outros, comemorando quando seus inimigos são derrotados. Ela é raposa e gata ao mesmo tempo, e foi essa habilidade de adaptação às circunstâncias que a levou resistir e conseguir o *status* que possui, como ela mesma diz: “ainda tenho um monte de truques. E ainda estou no alto da árvore” (Atwood, 2019, p. 275). Como narradora, Tia Lydia não apenas reconhece sua capacidade estratégica de sobrevivência, mas também sua habilidade de observação aguçada das pessoas ao seu redor.

Além disso, no contexto em que Tia Lydia vive, a desconfiança é um aspecto que permeia as relações interpessoais, não podendo confiar em quase ninguém, até mesmo em suas companheiras. Ela não considera as pessoas ao seu redor confiáveis, especialmente suas companheiras fundadoras: Tia Vidala, Tia Elisabeth e Tia Helena, devido ao caráter competitivo do ambiente. Um exemplo marcante ocorre quando Tia Vidala confronta Lydia, expressando não apenas preocupação com as oferendas deixadas em sua estátua, mas também insinuando que Tia Elisabeth esteja tentando acusá-la de “heresia e idolatria” (Atwood, 2019, p. 275).

Diante disso, as únicas pessoas que Tia Lydia podia confiar verdadeiramente eram nas duas irmãs Agnes e Daisy e em Becka, amiga de Agnes, as quais ela chama de “anjos da aniquilação” (Atwood, 2019, p. 419). Esse termo é sugestivo pois ao mesmo tempo que sugere proteção e segurança, também evoca a ideia de destruição, uma força implacável e decisiva capaz de eliminar qualquer obstáculo. Ela inicia um plano de levar informações à resistência com a colaboração de Daisy e Agnes através de “um microponto inserido em uma tatuagem escarificada” (Atwood, 2019, p. 439). Assim, Tia Lydia e suas ações em *Os testamentos* podem

ser vistas como uma expressão da dinâmica da abertura narrativa presente na distopia crítica, visando um bem maior, como ela mesmo explica, é “tarde demais para Gilead impedir sua destruição iminente. Sinto muito não poder estar viva para presenciá-la – a conflagração, a derrocada” (Atwood, 2019, p. 432). Ela é o reflexo dos dilemas morais e das lutas contra opressão que ecoam na sociedade.

Neste sentido, não nos surpreende que “a personagem pareça o que há de mais vivo no romance” (Candido, 2014, p. 54). No entanto, é importante ressaltar que as figuras literárias não são de carne e osso, são como “metáfora da natureza passageira e povoada de fantasias da vida humana real” (Eagleton, 2019, p. 50). Existem afinidades e distinções fundamentais entre seres vivos e personagens de ficção, sendo que essas diferenças são tão cruciais quanto às semelhanças para estabelecer a sensação de autenticidade, que é a verossimilhança (Candido, 2014).

Desse modo, as lutas das personagens femininas que se sacrificam pela sociedade são um tema recorrente na literatura e na história. Na vida real, as mulheres que sacrificaram suas vidas pelo direito ao voto são exemplos poderosos de dedicação e coragem. No final do século XIX e início do século XX, em muitos países, as mulheres lutaram arduamente pelo direito ao voto, enfrentando oposição violenta e sistêmica. Algumas dessas mulheres, como por exemplo: Emily Davison, no Reino Unido, e Alice Paul, nos Estados Unidos, deram o máximo de si pela causa, enfrentando prisão, agressões e, a depender, a possibilidade da morte (Zaniboni, 2018).

Vale apontar que, apesar de sua posição de poder em Gilead, Tia Lydia, também é uma mulher que foi moldada pelas mesmas estruturas restritivas que ajudou a manter, como já mencionado. Através de um universo ficcional distópico, Atwood explora como a solidariedade entre as mulheres e a busca por autonomia pode ser uma estratégia de perseverança em meio a violência sofrida. Lydia desafia a expectativa inicial ao se revelar capaz de agir em benefício de outras mulheres, como Agnes que será aprofundada posteriormente nesta análise. Ao perceber a situação da menina, em um ato aparentemente contraditório a sua posição no regime, Lydia decide salvá-la da ignorância e do casamento forçado com um Comandante famoso que envenena suas jovens esposas. Sendo assim, ela salva a menina da condenação automática à morte. O entrelaçar de vozes de Tia Lydia e Agnes é fundamental para a potencial derrota do sistema. Essa conexão entre as duas personagens causa uma quebra nas fronteiras estabelecidas pelo regime totalitário e causa fissuras que permitem que diferentes pontos de vista e experiências se cruzem e se fortaleçam mutuamente.

### 3 AGNES (A FILHA DA AIA): UM SÍMBOLO DE ESPERANÇA

#### 3.1 Origem e educação de Agnes em Gilead

Em contextos de ficção distópica a educação muitas vezes é usada como ferramenta para moldar o pensamento das pessoas de acordo com os valores e ideologias do sistema dominante. Isso é evidente em *Os testamentos*, visto que o regime utiliza a educação como método de manipulação, distorcendo e/ou omitindo informações que possam servir de questionamento da autoridade estabelecida. Isso garante que as próximas gerações sejam doutrinadas desde cedo e aceitem as normas desta sociedade.

Agnes, personagem também chamada como Testemunha 369A, é uma voz interna da República de Gilead. Descrita como uma jovem descendente de uma família de elite que cresceu dentro do regime, Agnes é uma das protagonistas, cuja história se entrelaça com a de Tia Lydia, uma das personagens centrais do romance com grande influência na educação das jovens. Sua história começa antes da ascensão de Gilead quando ela ainda era criança e vivia em um mundo com liberdade. Após o golpe que derrubou os Estados Unidos, ocasionando no estabelecimento do regime teocrático totalitário de Gilead, ela é separada de sua mãe biológica e criada por uma família adotiva que segue os preceitos da nova sociedade. Assim, ela é renomeada pela nova família como Agnes Jemima e inicia um processo educativo dos princípios conservadores do atual governo, sob a tutela das Tias, que incitam o desconhecimento de sua origem. Ela não sabe inicialmente que sua mãe verdadeira foi uma Aia, mas essa revelação é um momento fundamental na narrativa.

O nome desta personagem indica uma interação entre a tradição religiosa, o simbolismo e a relação familiar. Agnes remete à ideia de inocência, pureza e também submissão, características frequentemente associadas às figuras femininas na narrativa bíblica. Por outro lado, o segundo nome, Jemima, é o nome de uma das filhas de Jó e sugere resiliência e renovação após a adversidade, pois Jó, após passar por grandes provações, recebeu novos filhos e filhas. Os nomes atribuídos às mulheres, em particular, são redefinidos a partir de sua função na sociedade, sugerindo uma limitação de suas identidades. Um exemplo semelhante disto é em *O conto da aia*, em que a protagonista é chamada de Offred que significa “de Fred”, indicando que ela pertence ao Comandante Fred.

Além disso, outra característica referente à produção de significado presente na narrativa é a utilização da linguagem como uma ferramenta de opressão do poder hegemônico na distopia. Podemos perceber, conforme argumenta Moylan (2016, p. 81-82), que “em graus

variados, a força material da economia e o aparato disciplinar controlam a ordem da nova sociedade e a mantém funcionando. Porém, o poder discursivo, exercitado na reprodução de significado e na interpelação de sujeitos, é uma força paralela e necessária”. Neste sentido, a linguagem não é somente um meio de comunicação, mas por meio dela é transformada a história oficial, contribuindo para a produção do “significado” que sustenta o poder hegemônico. Podemos notar tal aspecto no discurso religioso presente ao longo dos relatos como no seguinte trecho: “Sob o Olho Dele” (Atwood, 2019, p.173). Este discurso demonstra a onipresença do poder patriarcal e a constante supervisão sobre os habitantes. Através do controle discursivo, a narrativa oficial é disseminada, reforçando as estruturas de dominação e influenciando a percepção dos indivíduos até sobre si mesmos.

Além disso, uma das principais formas de dominação em Gilead é sobre o corpo, conhecido especialmente através do controle das Aias, mas não exclusivamente a esta casta de mulheres. As Esposas dos Comandantes, por exemplo, casta para a qual Agnes está sendo treinada para integrar, as participantes também estão submetidas a restrições. É esperado adquirir um padrão em seu comportamento, são treinadas logo cedo para manter a aparência de vida familiar tradicional, na maioria das vezes essas mulheres são privadas do verdadeiro afeto de seus maridos, dedicando suas vidas para manter a ordem esperada.

Nas distopias feministas, emerge a recorrente imagem de um corpo disciplinado, delineando um cenário no qual uma máquina estatal, frequentemente dirigida por homens, se especializa na vigilância, controle e punição de corpos, notadamente os femininos, tratados como objetos passivos (Cavalcanti, 2006). Diante disso, as distopias feministas, de acordo com Cavalcanti (2006, p. 304), “[...] constituem, no contexto da autoria feminina da segunda metade do século XX, um painel ficcional das várias formas de opressão às quais as mulheres têm sido submetidas na história e também uma importante expressão de desejos utópicos [...]”. Convém ressaltar que o nosso objeto de estudo, *Os testamentos*, é uma obra contemporânea do XXI que se configura como sequência de *O conto da aia*, que visa continuar a exploração e expansão desse cenário distópico, cenário no qual a disciplina corporal é essencial.

Sob essa perspectiva vemos que Agnes relata predominantemente sobre sua rotina de estudos na escola de Gilead e sua vivência doméstica, como o aprendizado de bordado e jardinagem, porém, ao longo desta narrativa, anseia pela verdade de suas origens. Ela é ensinada a obediência absoluta aos pais e a seguir as normas disciplinares para o futuro casamento, que é iminente. Essa disciplina é imposta não apenas pela família, mas também pela sociedade e pelo Estado que impõem as expectativas sociais rígidas.

Nesse contexto, especialmente as filhas de Comandantes tinham o dever de estudar nas escolas *gileadeanas*, em que as Tias estavam responsáveis pela ministração de aulas. Podemos notar, na passagem a seguir, um relato sobre Tia Vidala, uma das Fundadoras, e sobre sua escola:

Ela era a encarregada de nossa escola, e das outras escolas iguais às nossas – o nome delas era Escolas Vidala –, mas o retrato dela que ficava na parte de trás de toda sala de aula era menor do que o da Tia Lydía. Havia cinco retratos como esse: o da Bebê Nicole em cima, porque tínhamos que orar por seu retorno em segurança todos os dias. Depois a Tia Elizabeth e a Tia Helena, depois a Tia Lydia, depois a Tia Vidala. [...] É claro que todas nós sabíamos quem eram as quatro mulheres: eram as Fundadoras. Mas do que elas eram fundadoras, isso nós não sabíamos direito, nem ousávamos perguntar (Atwood, 2019, p. 89).

O excerto acima revela a estrutura disciplinadora da sociedade, essa dinâmica se inicia na infância das meninas. A disciplina imposta na escola de Gilead vai além da mera educação acadêmica, servindo de mecanismo de manutenção do próprio regime, em que o regulamento é uma questão de ordem social. Além disso, a presença de Bebê Nicole, que conseguiu fugir de Gilead com sua mãe, bem com a presença dos retratos das Tias Fundadoras, evidencia a manipulação emocional encontrada na distopia que gera a falta de clareza e o temor em questionar os poderosos que indicam a eficácia da tradição do ambiente desolador. Podemos nos fundamentar nas ideias de Xavier (2007) como suporte para compreender a distopia em questão. A estudiosa argumenta que estruturas de dominação resultam na submissão às regras em todos os níveis, em que “As instituições - Família, Igreja, Escola e Estado - são agentes que contribuem para a dominação, que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (Xavier, 2007, p. 59). Portanto, dentro do contexto distópico apresentado, a escola enquanto instituição contribui para a submissão feminina, se estabelecendo pela adesão que as mulheres são obrigadas a conceder à autoridade das Tias.

As filhas dos Comandantes de alto escalão, como no caso de Agnes, não tinham a possibilidade de escolher com quem iriam se casar ou se não se casariam de nenhum modo. As famílias arranjavam os casamentos para as meninas, conforme os interesses familiares em relação ao poder político. Neste contexto de opressão, Becka amiga de Agnes expressa seu desejo de não se casar, uma vontade que parece impossível de realizar como vemos neste trecho: “Eu nunca, jamais vou me casar – murmurou ela, quase para si mesma. - Vai sim – disse Shunammite. – Todo mundo casa. - Não casa não – disse Becka, mas só para mim” (Atwood, 2019, p. 92). Dessa forma, a resistência de Becka ressalta a importância da autonomia corporal

como parte essencial da liberdade individual, reforçando a mensagem de Atwood sobre a necessidade de combater as estruturas que buscam controlar não somente a mente, mas também o corpo feminino.

A presença do corpo na literatura de autoria feminina é um tema recorrente, pois o corpo é frequentemente usado como um campo de batalha onde as questões de poder e de autonomia são disputadas. Dentro do patriarcado, o corpo das mulheres é objetificado, controlado e moldado de acordo com os interesses masculinos. A literatura de autoria feminina aborda essas questões, explorando como as mulheres se relacionam com seus corpos e como o corpo é usado como uma ferramenta de resistência e de subversão. Segundo Xavier, “todo e qualquer texto, de autoria feminina ou não, que analise e desconstrua as noções patriarcais de gênero, faz uma leitura feminista” (Xavier, 1998, p. 65). Essa perspectiva se relaciona com a obra, posto que, as mulheres são rotuladas com base em sua história e em como seus corpos são vistos pela sociedade. Os Comandantes, como um dos representantes máximos desse sistema opressivo, exercem controle absoluto sobre as mulheres, demonstrando a maneira como o patriarcado busca dominar até mesmo os espaços mais íntimos e pessoais.

Agnes, como filha de uma Aia, está imersa nessa realidade, crescendo em meio a esse contexto de estigmatização. A descoberta de sua mãe biológica e de sua própria história após a morte de sua mãe adotiva, Tabitha, parece ser um momento transformador para Agnes. Nesse momento, a personagem confronta a narrativa que lhe foi apresentada pela sociedade. A narradora não tem apenas que lidar com essa descoberta, mas também com suas próprias emoções dentro desse contexto de padronização, como vemos no relato da protagonista: “Minha mãe era Aia. Por isso que Shunammite tinha repetido tanto que ela era uma vadia. Todos sabiam que todas as Aias já tinham sido vadias tempos atrás. E ainda eram, mas de outra forma” (Atwood, 2019, p. 99). Ao descobrir que sua mãe era uma Aia, Agnes percebe a brutal realidade das mulheres em Gilead que são reduzidas a papéis pré-determinados e estereotipados. A revelação de que todas as Aias eram consideradas vadias no passado e ainda o são, “mas de outra forma”, a faz questionar, ainda que de maneira gradual os valores da sociedade. Esses questionamentos alicerçam a ponte que abre o caminho para possibilidade de mudança e início de uma jornada de autoconhecimento.

Além disso, essa descoberta está intrinsecamente ligada à sua própria adolescência e às mudanças que ela está experimentando em seu corpo. Ao refletir sobre sua entrada na vida adulta, a protagonista percebe não apenas as transformações físicas, mas também as restrições e expectativas impostas em Gilead. A descoberta da história de sua mãe como Aia amplia sua compreensão dessas restrições, fazendo-a pensar o seu próprio papel na sociedade, bem como

o legado de opressão que ela herda. “Uma vez que a menina entrasse nessa fase, ela não era mais uma flor valiosa: era uma criatura perigosa” (Atwood, 2019, p. 94). Dessa maneira, o corpo é representado de forma a destacar as contradições da sexualidade feminina em uma sociedade autoritária. A narrativa aborda como os corpos das mulheres são sensualizados e, ao mesmo tempo, reprimidos.

É importante ressaltar que a sociedade de Gilead valoriza a fertilidade e a reprodução, o que leva à objetificação do corpo feminino em termos de sua função reprodutiva. As mulheres são vistas principalmente como úteros ambulantes, cujo valor é determinado pela capacidade de gerar filhos. Esse foco na fertilidade feminina resulta em um controle rígido sobre a sexualidade das mulheres, tornando o sexo uma prática estritamente regulamentada e limitada ao contexto apenas da reprodução. Podemos nos ancorar nas conceitualizações que Xavier (2007, p. 156) apresenta para analisar a obra de Margaret Atwood. A estudiosa argumenta que o corpo erotizado “caminha paralelamente à liberação sócio-existencial das mulheres”. Além disso, a estudiosa descreve o “corpo erotizado” como um espaço de empoderamento e autonomia, “que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer” (Xavier, 2007, p. 157). No entanto, percebe-se, na sociedade *gileadeana*, que o corpo feminino é objeto de repressão e de controle pois as mulheres são ensinadas a temer e ocultar seu próprio corpo, especialmente durante a adolescência, quando as mudanças físicas podem torná-las “criaturas perigosas”, conforme mencionado no trecho citado anteriormente. A educação recebida na escola, como as aulas ministradas pela Tia Vidala, reforça essa ideia, apresentando o corpo feminino como algo a ser regulado para se adequar aos padrões.

Agnes relata, por exemplo, a exploração sexual que viveu, evidenciando o temor que as mulheres desenvolvem à medida que crescem no ambiente distópico. Abusos sexuais são de maneira geral ignorados, mesmo que envolvam meninas, especialmente se o homem que cometeu for alguém considerado importante pelo e para o regime governamental atual. Na passagem seguinte, é perceptível que a exploração se manifesta por meio do medo, uma vez que a Testemunha 369A relata ter sido vítima de abuso pelo Dr. Grove:

Então ele pôs a mão no meu seio pequeno, mas em crescimento. [...] fiquei paralisada. Então era tudo verdade, aquilo dos homens com seus ímpetos ferozes e desordenados [...]. Eu estava envergonhadíssima – o que eu poderia dizer? Eu não sabia, de forma que simplesmente fingi que nada estava acontecendo (Atwood, 2019, p. 109).

Considerando o excerto acima, é evidente que diversas formas de violência se desdobram gradualmente em um cenário distópico. Essa dinâmica de violência e resistência

desempenha um papel fundamental na narrativa da protagonista, revelando o potencial transformador da opressão contínua e de sua percepção. Desse modo, ao analisar Agnes, podemos recorrer uma vez mais aos conceitos de Xavier (2007), haja vista que ela argumenta que personagens de romance que carregam as marcas do “corpo violento” apresentam: “uma subjetividade amarga, que busca na luta o resgate da dignidade perdida” (Xavier, 2007, p. 120).

Nesta perspectiva, Agnes, assim como outras personagens, é submetida a abusos e violações que não só afetam seu corpo fisicamente, mas também deixam cicatrizes e traumas emocionais profundos. Esse contexto de violência contra “corpos femininos violentamente emoldurados são comumente re(a)presentados nas ficções distópicas feministas, o que torna esse subgênero extremamente ambíguo considerando-se uma perspectiva de leitura crítico-feminista” (Cavalcanti, 2006, p. 313). Dito isso, o relato da protagonista sobre sua experiência em ser tocada de forma inadequada pelo Dr. Grove ilustra essa realidade, mostrando que as mulheres são frequentemente silenciadas e forçadas a aceitar esse tipo de violência como parte normalizada de suas vidas cotidianas.

É perceptível, ao longo do enredo, que a protagonista mostra uma forte ligação com a fé e os princípios ensinados na República de Gilead. Ela não percebe muitas questões como a tendência da cultura *gileadeana* de culpar a vítima, no caso as mulheres, ao invés de culpar o verdadeiro responsável pelas violências. Sendo assim, essas características distópicas na ficção especulativa se assemelham às questões reais, como argumenta a própria Atwood ao explicar que sua narrativa “não inventa nada que já não tenhamos inventado ou começado a inventar” (Atwood, 2009, p. 348). Ela destaca como a ficção especulativa evidencia aspectos da realidade que muitos preferem ignorar. As descrições aterrorizantes de Gilead, apesar de fictícias, têm ressonância com as experiências reais de injustiça, sobretudo no que se refere às questões envolvendo a violência contra a mulher. Sobre isso, em contextos religiosos radicais ou em sociedades extremamente patriarcais, a devoção aos valores estabelecidos pode levar à aceitação acrítica dos comportamentos daqueles sujeitos que são mais influentes na sociedade, fomentando a culpabilidade das vítimas.

### **3.2 Agnes-Tia Victoria: a esperança que transforma**

A mudança, seja ela individual ou coletiva, tem o poder de transformar realidades sociais e políticas de formas muito significativas. Quando estamos abertos a mudar, existe a possibilidade de sermos capazes de despertar para novos horizontes inexplorados. Uma simples decisão pode mudar a sequência dos fatos de toda uma história. Da mesma maneira, uma



mudança de perspectiva permite-nos ver uma situação de maneira totalmente nova, revelando possíveis soluções que antes se mostravam impossíveis.

Em Gilead, ir contra os papéis estabelecidos das castas garantiriam uma punição severa, que muitas vezes poderia ser a morte. De acordo com Xavier (1998, p. 28), “a hierarquia está, portanto, embutida no sistema de gênero, determinando papéis principais e secundários para homens e mulheres”. Sob essa ótica é possível aludir essas condições próprias do patriarcado às Esposas dos Comandantes que ocupam um lugar de destaque em comparação com papéis ainda mais subalternos, assim como as Aias, elas têm conforto material e segurança, porém estão submetidas à mesma prática de restrição de suas vontades pessoais. Para Xavier (1998, p. 28), “o caráter institucional da família impede um autêntico relacionamento; as normas sociais são as responsáveis pela distorção dos laços afetivos”. A autora faz referência ao caráter institucional da família relacionada à hierarquia de gênero que pode ser associada à distopia de *Os testamentos*, na qual o casamento e as relações familiares são desprovidos do afeto que geralmente espera-se encontrar em seios familiares. Em Gilead, as normas sociais distorcem os laços afetivos, ditando quem deve desempenhar quais papéis e como expressar afeto, resultando em relações pessoais superficiais baseadas em convenções sociais.

Nesse sistema educacional distópico, o ensino é altamente censurado, com informações sendo filtradas e distorcidas para se adequarem aos objetivos do lugar. O conhecimento é seletivamente apresentado de forma a promover somente os valores do regime, enquanto qualquer forma de pensamento crítico é reprimida, com as “professoras” atuando como agentes de controle e vigilância, redefinindo os laços familiares em nome da ordem e da estabilidade. Isso cria um ambiente de conformismo, onde as mulheres adquirem o medo e a aceitação da ideologia dominante sob as várias ameaças de punição.

Na aula de religião ministrada pelas Tias, Agnes relata que foi contada uma história da Bíblia considerada essencial para que as meninas compreendessem a função que deveriam desempenhar mais adiante: seria a história da Concubina Cortada em Doze Pedacos. Essa narrativa descreve uma mulher que foi violentada e morta após desobedecer a seu dono e depois tentar o retorno para casa. Neste contexto, uma das Tias adverte as jovens que “A mulher deveria honrar o homem que tem direito sobre ela, ela acrescentou. Se não, esse era o resultado. Deus sempre dava o castigo adequado ao crime” (Atwood, 2019, p. 91). Essa passagem ilustra como o discurso religioso de Gilead pode ser usado para perpetuar as normas patriarcais, gerando medo e reforçando a ideia de que o único papel das mulheres era servir aos homens.

Vale salientar que Agnes e sua amiga Becka têm medo do ideal pré-estabelecido do casamento, especialmente devido ao conteúdo expostos nas aulas das Tias, bem como suas

experiências traumáticas. Becka havia sofrido abuso sexual do próprio pai, o dentista Dr. Grove que também abusou de Agnes e vive extremamente atormentada com a inevitabilidade do futuro casamento. Agnes explica que o medo de sua amiga era porque “Ela acreditava de fato que o casamento iria obliterá-la. Ela seria esmigalhada, aniquilada, derretida feito neve até que nada restasse dela” (Atwood, 2019, p. 181). Seu sofrimento era tão intenso que ela tentou tirar a própria vida, ela “abriu o pulso esquerdo com o podão e precisou ser levada para o hospital. O corte não fora profundo a ponto de ser fatal, mas saíra um bocado de sangue mesmo assim” (Atwood, 2019, p. 184). A tentativa de suicídio de Becka pode ser interpretada como um ato de desespero diante dessa realidade intolerável para ela. Para a personagem, talvez tenha parecido a única maneira de escapar do sofrimento e da falta de esperança que a cercava.

Certamente, a escolha vocabular de Margaret Atwood em suas distopias, como em *O Conto da aia* e em *Os testamentos*, é uma ferramenta significativa para transmitir a crueldade desse mundo ficcional. Termos como "esmigalhada", "aniquilada" e "derretida" descrevem fisicamente a situação, mas também evocam uma sensação de destruição e desolação, ressoando também as experiências prévias das personagens em consonância com as violências atuais. Essas escolhas linguísticas são essenciais para a construção da atmosfera distópica e para a profundidade emocional das narrativas de Atwood.

Como analisado, esse trágico desfecho em que jovens tentam se matar ressalta as consequências do controle excessivo sobre as vidas das adolescentes na sociedade *gileadeana*. Depois desse incidente, a menina expressa para Tia Lydia a vontade em ingressar na casta das Tias. Tia Lydia explica que tornar-se Tia “trata-se de um privilégio, e não de um direito. [...] Também não se trata de uma recompensa por sua patética tentativa de tirar a própria vida” (Atwood, 2019, p. 234). O fato de a jovem aspirar ser uma Tia ressalta que a adoção do papel opressor é entendida como forma de subverter e negociar as restrições impostas. Além disso, o ingresso da jovem na casta serve como fator importante para evitar que a mesma situação aconteça novamente.

Após testemunhar a aspiração de sua amiga a se tornar Tia, Agnes também passa a desejar o mesmo *status*. Esse desejo é evidenciado quando Tia Lydia faz o convite a ela:

Nem toda menina se presta ao casamento – prosseguiu ela. – Para algumas, é simplesmente um desperdício de potencial. Há outras formas de a menina ou a mulher contribuir para o plano de Deus. Um passarinho me contou que você talvez concordasse. [...] Sim – falei [...] Becka foi chamada para uma missão maior. Se você também tiver essa vocação – disse ela –, ainda está em tempo de nos avisar (Atwood, 2019, p. 248-249).

O convite de Tia Lydia é uma tentativa de persuadir Agnes a considerar uma vida diferente do casamento, uma vida que possa representar um papel mais significativo no plano de Deus. Esse convite desencadeia um despertar em Agnes, levando-a a questionar as limitações de seu ensinamento e a considerar uma vida mais plena como futura Tia Victoria. Sua decisão não é apenas uma mudança de função, mas uma afirmação de sua libertação das restrições que a aprisionavam.

Neste sentido, ao residir em Ardua Hall e iniciar um longo caminho de preparação para tornar-se Tia, Agnes, agora renomeada como Tia Victoria, tem acesso a informações privilegiadas e a uma posição de autoridade. Ela não é mais apenas uma figura passiva dentro do sistema, mas uma participante com poder e influência sobre as demais mulheres. Essa transformação não só muda a vida da personagem completamente, mas também oferece ao público leitor uma nova dinâmica narrativa, introduzindo uma nova perspectiva, uma voz na história que compartilha o olhar de alguém que vivenciou ambas as experiências.

Além disso, a ascensão de Agnes à casta das Tias destaca o aprofundamento das personagens femininas em *Os testamentos*. A personagem assim como Tia Lydia adquire uma característica multifacetada própria das “personagens esféricas” (Candido, 2014). Agnes passa de uma posição de submissão para uma posição de poder e influência.

A união das mulheres no romance distópico desafia os estereótipos sobre os papéis padronizados atribuídos às mulheres na sociedade. Ao se unirem as mulheres mostram que são mais do que categorias nas quais são colocadas. Essa cooperação necessária entre as personagens pode servir de metáfora no que concerne aos aspectos reais da narrativa, é necessária colaboração para enfrentar os desafios globais, como as injustiças sociais e as de gênero, as mudanças climáticas, autoritarismo político, entre outros. Conforme apontado por Margaret Atwood “distopias são, quase sempre, mais advertências terríveis do que sátiras, sombras escuras lançadas pelo presente para o futuro. Elas são o que nos acontecerá se não tratarmos de prestar mais atenção no que estamos fazendo” (Atwood, 2009, p. 106-107). Portanto, as questões tratadas no romance nos lembram que, se ignoramos as questões urgentes do nosso tempo atual e a importância da união das vozes do povo, corremos o risco de nos tornarmos vítimas de futuro distópico.

Em *Os testamentos*, Agnes pode ser vista como um símbolo de esperança em meio ao contexto hostil em que vive. Ela representa a possibilidade de renovação em meio ao sistema que sistematicamente controla. Apesar das adversidades e dos perigos constantes, ela se mantém firme e corajosa para buscar a verdade e cooperar com a derrocada do regime opressor.

Sua coragem em transgredir as regras e busca pela liberdade a torna uma figura inspiradora para as demais personagens, bem como para o público leitor.

A Testemunha 369A terá acesso à biblioteca de Ardua Hall, um lugar de conhecimento e poder, onde a personagem encontra documentos que lançam luz sobre a verdadeira natureza do regime, documentos que revelam segredos há muito tempo escondidos e informações distorcidas pelo regime totalitário. A possibilidade de Agnes (Tia Victoria) desvendar segredos há muito tempo ocultados pelo regime totalitário destaca a disparidade entre aqueles que detêm o poder do conhecimento e aqueles que foram historicamente marginalizados. Depois de ter acesso aos livros e especialmente o livro mais proibido, a Bíblia, no regime teocrático totalitário, Agnes desperta para a deturpação que o sistema de Gilead faz com as histórias. Como podemos perceber na seguinte passagem:

Meu primeiro conflito pessoal veio quando, depois de quatro anos lendo textos mais elementares, recebi permissão para ler o texto integral da Bíblia. [...] agora eu estava lendo a história na íntegra. [...] Até aquele momento, eu nunca tinha duvidado de fato da retidão e especialmente da veracidade da teologia de Gilead. Se eu não atingia a perfeição, a culpa eu atribuía a mim mesma. Mas conforme eu ia descobrindo tudo o que fora alterado por Gilead, o que tinha sido acrescentado, e o que tinha sido omitido, eu fui ficando com medo de perder minha fé (Atwood, 2019, 322-323).

Esse excerto denota um exemplo claro da manipulação através da linguagem religiosa para justificar o controle sobre as mulheres. A narrativa distorcida é sobre a Concubina Cortada em Doze Pedacos, citada anteriormente. Nesse momento, compreendemos que essa história era uma versão idealizada e manipulada dos eventos reais. Ao descobrir a verdade horrível por trás da história, a personagem percebe a extensão da manipulação que existe em Gilead. Esses fatores nos recordam do que Tia Estée havia dito:

O motivo da concubina ter sido morta era estar arrependida de sua desobediência, tendo preferido se sacrificar para evitar que seu dono fosse estuprado pelos benjaminitas perversos. [...] mas não havia nada disso. A moça era simplesmente escoraçada de casa e estuprada até morrer, depois esquartejada feito uma vaca por um homem que a tratava, quando viva, feito um animal de cabresto (Atwood, 2019, p. 323).

Essa descoberta abala profundamente a confiança da personagem na sociedade em que vive, é um ponto de virada em sua jornada para questionar a autoridade e as normas vigentes em Gilead. Ao longo da história de nossa sociedade, surgiram várias teorias pseudocientíficas que foram usadas para justificar a exclusão das mulheres em muitos espaços sociais e

educacionais, limitando suas oportunidades intelectuais e de trabalho. Neste sentido, Bonnici e Zolin (2009) discutem como essas teorias sobre a suposta inferioridade das mulheres contribuíram para a discriminação das mulheres na era vitoriana:

Na Inglaterra, a condição social da mulher na Era Vitoriana (1832-1901) foi tenazmente marcada por diversos tipos de discriminações, justificadas com o argumento da suposta inferioridade intelectual das mulheres, cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra as 3 libras e meia do cérebro masculino (Bonnici; Zolin, 2009, p. 220).

Escritoras e personagens femininas têm desafiado esses estereótipos, oferecendo representações mais realistas das mulheres e de suas experiências. Autoras como Jane Austen, Virginia Woolf e muitas outras têm dado voz a personagens femininas que lutam contra a opressão de um mundo patriarcal. Representações literárias têm desempenhado um papel importante na conscientização sobre todas essas questões de gênero. Ao retratar mulheres como agentes ativos de suas próprias vidas, a literatura confronta a noção de que as mulheres são naturalmente inferiores intelectualmente ou destinadas a papéis subordinados. Assim, a biblioteca Ardua Hall pode ser vista como um lugar de conhecimento proibido e subversivo, simbolizando a leitura na capacitação das mulheres.

Além disso, na sociedade distópica de Gilead, a invisibilidade é uma característica marcante para as mulheres, imposta pelo regime. Mulheres são reduzidas a papéis estritamente definidos e são incitadas a adotarem uma conduta de obediência e subserviência. Essa ideia se alinha à percepção de Perrot (2007, p. 17) ao asseverar que as mulheres “são invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila”. Agnes, ao descobrir a manipulação por trás das histórias contadas em Gilead, começa a perceber o silenciamento posto nesta sociedade. A história deturpada da concubina representa outra forma da invisibilidade e da subjugação das mulheres em Gilead. A personagem é uma figura silenciada, sem nome próprio definido, reduzida a um papel de subalternização. Sua existência é uma manifestação extrema da desumanização das mulheres, que são comumente tratadas de forma objetificadas, com intuito de utilização e descarte por parte daqueles que compõem o sistema opressor do patriarcado.

Em Gilead, a restrição ao conhecimento por meio da proibição da leitura e ao acesso à educação verdadeira são formas de “violência lenta” conforme definido por Nixon (2011):

Uma violência que ocorre gradualmente e fora de vista, uma violência de destruição demorada que se espalha pelo tempo e pelo espaço, uma violência erosiva que tipicamente não é vista como tal. A violência costuma ser

concebida como um evento ou como uma ação imediata no tempo e explosiva e espetacular no espaço, manifestando-se como uma erupção cuja visibilidade se torna imediatamente evidente (Nixon, 2011, p. 02, tradução nossa).<sup>5</sup>

O conceito de "violência lenta" é mais frequentemente associado à área da ecocrítica devido à sua origem nos estudos desse autor, que o utiliza para descrever danos ambientais que ocorrem ao longo do tempo na sociedade e são muitas vezes invisíveis e negligenciados. No entanto, a aplicação desse termo em contextos de distopia crítica, como em Gilead, é significativo. Desse modo, a ideia de que só percebemos a violência quando ela é explosiva é muito relevante porque destaca a tendência de ignorarmos ou minimizarmos formas de violência que podem ser consideradas sutis. Muitas vezes só percebemos os direitos sendo retirados de nós pouco a pouco quando o problema se torna tangível e afeta diretamente nossa realidade.

Agnes-Tia Victoria desperta para uma verdade distorcida, rompendo com a alienação e ecoando questões contemporâneas, como a manipulação das informações. Segundo Candido (2014), personagens fictícias não devem ser cópias exatas de seres vivos, o que seria contrário à natureza do romance. No entanto, Atwood consegue transmitir emoções, conflitos e reflexões profundas da contemporaneidade por meio de suas personagens principais, mantendo a verossimilhança em um contexto ficcional.

Em um outro momento, tomada pelo desejo de concluir sua missão, Tia Lydia precisa convencer Becka, chamada agora de Tia Immortelle, e Tia Victoria a desempenharem tarefas de sacrifício. Ela sabe que está pedindo algo muito difícil, mas precisa colocar em ação seu plano que colabora com o *Mayday*, de modo que é necessário pressionar as outras duas protagonistas. Tia Lydia inicia seu plano através do fornecimento de documentos secretos, seguindo ainda com a manipulação através de palavras persuasivas:

conforme você e Tia Immortelle têm lido em boa parte das pastas secretas que venho encaminhando a vocês, não estão a par do grau de corrupção deplorável em que Gilead atualmente se encontra? [...] - Isso vai ajudar estas mulheres e meninas. Não quero obrigá-las a fazer nada contra a própria vontade, mas por outro lado preciso explicar bem o que está em jogo (Atwood, 2019, p. 360).

---

<sup>5</sup> “A violence that occurs gradually and out of sight, a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all. Violence is customarily conceived as an event or action that is immediate in time, explosive and spectacular in space, and erupting into instant sensational visibility”. (Nixon, 2011, p. 02)

Agnes-Tia Victoria se vê diante de uma série de tribulações emocionais e morais. Primeiramente, ela precisa lidar com o conflito interno entre a lealdade ao regime de Gilead e a vontade de se opor a esse sistema. A personagem foi criada dentro dos valores e crenças de Gilead, o que torna difícil para ela desafiar diretamente a autoridade. Ela precisa ponderar sobre o que está em jogo, não somente para ela mesma, mas também para as mulheres e meninas que Tia Lydia afirma que serão ajudadas por suas ações.

Dentro deste cenário, Agnes-Tia Victoria não age sozinha, mas contará com Daisy em sua missão. A relação entre ela e sua irmã Daisy, que será discutida mais adiante, é marcada pela ligação de serem filhas da mesma Aia em Gilead, o que as une biologicamente, mas também as posiciona como testemunhas diretas do governo totalitário. Apesar de terem sido criadas em ambientes distintos, a experiência compartilhada de serem vítimas desse sistema as conecta profundamente. Essa ligação sutil entre as irmãs é evidente ao longo do enredo. Além disso, sua união se fortalece à medida que se unem para divulgar informações capazes de desestabilizar o regime de Gilead, demonstrando a força de sua determinação em enfrentar os desafios pela liberdade almejada.

## 4 DAISY - BEBÊ NICOLE - JADE: UM DOS LEGADOS DE GILEAD

### 4.1. Daisy: a Bebê Nicole

A narrativa multifacetada que encontramos na obra *Os testamentos* oferece uma oportunidade única para cada personagem, a exemplo de Daisy, contar sua própria versão dos acontecimentos. Os capítulos intercalam o relato das personagens narradoras que, através de suas vozes contribuem para a construção de um rico panorama de histórias que conversam entre si. A personagem aqui analisada é conhecida por diversos nomes ao longo da narrativa, evidenciando assim a multiplicidade de papéis que desempenha. Essa característica da escrita de Margaret Atwood convida os leitores e as leitoras a perceber a versatilidade empregada nas personagens femininas o que coaduna com a ideia de um contexto ficcional da narrativa de distopia, e em que a mudança de nomes pode ser uma estratégia de resistência ao sistema opressor narrado.

Daisy, personagem também referida como Testemunha 369B, uma jovem moça canadense que escapou da República de Gilead por uma rota de fuga junto com sua mãe, uma Aia. Ainda enquanto bebê. A personagem vive os dilemas da adolescência, sem saber que nasceu em Gilead. Ela acredita viver com seus pais biológicos, porém eles são agentes do *Mayday*, uma organização secreta que luta contra o regime opressivo de Gilead, protegendo-a sem que ela saiba. Eles são colaboradores com o movimento e são donos de um brechó que se chama *The Clothes Hound*. A personagem questiona intensamente sobre sua identidade, enquanto vive com o ativismo anti-Gilead. Sua história de vida se conecta ao longo do enredo com a história das personagens que vivem no ambiente autoritário, como sua irmã Agnes.

O clima de tensão entre o Canadá e Gilead é um ponto-chave na narrativa, porque o sistema político de um não pode interferir no outro. A separação clara entre os sistemas políticos e sociais desses dois lugares cria o contraste dramático que destaca as diferenças no que concerne ao cumprimento dos direitos humanos e especialmente entre a criação de duas mulheres irmãs, Daisy e Agnes. Essa tensão geopolítica enriquece o conhecimento da dinâmica da narrativa e nos faz compreender que, mesmo em países vizinhos é possível ter realidades tão divergentes.

Na sociedade *gileadeana*, Daisy é conhecida como a lendária Bebê Nicole, uma criança cuja história se tornou parte fundamental dos mitos e esperanças da sociedade distópica. Acreditava-se que “a Bebê Nicole: ela inflama os crentes, inspira ódio contra nossos inimigos, é uma prova da possibilidade de traição dentro de Gilead, e de como as Aias são perversas e ardilosas, e de que nunca se podia confiar nelas” (Atwood, 2019, p. 42). Como resultado, essa



bebê serve para incutir medo, bem como desconfiança na população, especialmente sobre a casta das Aias. Ao apresentar a Bebê Nicole como vítima da traição das Aias, o regime reforça a ideia de que as mulheres são perigosas, alimentando o sentimento de vigilância na sociedade. Sua história representa a rebeldia das Aias contra as regras de Gilead, que proíbem as mulheres de terem autonomia sobre suas vidas reprodutivas, incluindo o direito de ficarem com seus filhos. Essa representação também busca estigmatizar a maternidade fora dos padrões estabelecidos pelo regime.

Notamos, então, que a Bebê Nicole é utilizada como uma espécie de propaganda da sociedade de Gilead. A narrativa sobre Bebê Nicole esteve sempre presente na vida de Daisy, como ela mesmo relata na seguinte passagem:

Agora a Bebê Nicole era uma espécie de símbolo de Gilead. [...] era praticamente uma santa em Gilead, disse nossa professora. Ela também era um ícone para nós: sempre que havia um protesto anti-Gilead no Canadá, lá estava a foto, e palavras de ordem como BEBÊ NICOLE! SÍMBOLO DA LIBERDADE! Ou BEBÊ NICOLE! MOSTRANDO O CAMINHO! (Atwood, 2019, p. 53).

O imaginário sobre Bebê Nicole em Gilead é apresentado como símbolo de ordem e estabilidade do sistema em tempos de crises, como na queda da natalidade. Por outro lado, como evidenciado na passagem anterior, fora da República de Gilead a criança torna-se um símbolo de resistência e de liberdade. Sua imagem é usada em protesto contra opressão, como exemplo de esperança. Isto evoca a interpretação dos símbolos e pode ser entendida de acordo com o contexto da narrativa dominante.

A bebê é tratada como uma espécie de propriedade do Estado na República de Gilead, servindo como ferramenta para promover seus próprios interesses. Segundo Renaux, em *O conto da aia*, romance publicado em 1985, a suposta república funciona na prática como uma ditadura, ainda que seja vista como uma “res publica = coisa pública, significando, portanto, a organização política de um Estado com vista a servir à coisa pública, ao interesse comum” (Renaux, 2001, p. 279). Desse modo, observamos que essa configuração política não é considerada em Gilead, em que o governo é exercido por interpretações extremas de princípios religiosos. Uma ditadura deturpa os ideais de liberdade, patriotismo, religiosidade, transformando-os em fanatismo, subserviência e intolerância (Renaux, 2001).

Assim como a sociedade de Gilead trata as mulheres como propriedade Estatal, a maneira como Nicole é vista pode ampliar essa ideia. Para analisar a ideia proposta, é relevante considerar o conceito de “corpo subalterno” conforme apresentado por Xavier (2007, p. 35) que

destaca como personagens literárias muitas vezes carregam “inscritas no seu corpo, as marcas de um sistema injusto e opressor” (Xavier, 2007, 56). Sob essa ótica, é possível considerar Daisy como uma mulher subalternizada, porque o seu corpo é tido como um dos pertences do Estado, atribuindo a personagem apenas a condição de “portadora”. Ela não é vista como um indivíduo autônomo, mas sim como uma peça política e ideológica nas mãos do regime.

A subalternidade de Daisy-Nicole também pode ser atribuída à posição de poder de seus pais adotivos dentro do sistema de Gilead. Como filha de um homem proeminente no regime, o Comandante, Nicole não é apenas uma criança vulnerável, mas também um símbolo do *status* e influência de sua família dentro da hierarquia do Estado teocrático totalitário. Como destacado na narrativa: “o pai da Bebê Nicole era um Comandante de alta patente supermau em Gilead, de forma que a comoção foi enorme, e Gilead exigiu que ela fosse devolvida para reuni-la com aqueles que eram seus pais perante a lei” (Atwood, 2019, p. 53). Vale ressaltar que essa subalternidade está intrinsecamente relacionada a sua condição de mulher em um ambiente patriarcal.

Inicialmente, a narrativa é relatada até seu décimo sexto aniversário, momento em que sua vida toma rumos diferentes devido ao bombeamento de seus pais por agentes da República de Gilead. A passagem seguinte descreve a experiência da menina com a notícia da morte de seus pais: “presta bem atenção e não quero ver você surtar. Não vai dar para você voltar para casa. [...] O que houve? Foi incêndio? – Uma explosão – disse ela. [...] Do lado de fora da Clothes Hound. [...] Foi o carro da Melanie. Ela e o Neil estavam nele” (Atwood, 2019, p. 66). A protagonista é posta diretamente em contato com a brutalidade de Gilead. Posteriormente, Daisy reage à morte de seus pais e é levada para um esconderijo chamado Carnarvon. Então, a partir disso a personagem vai descobrindo sua verdadeira identidade, principalmente, que ela é a própria Bebê Nicole, a figura que gerou a lenda em Gilead. Esse evento marca o início de uma jornada de sobrevivência para essa personagem.

As sombras de Gilead se projetam na vida das personagens femininas mesmo quando não vivem em seu território, especialmente no que diz respeito à manipulação das narrativas de suas experiências pessoais, no passado e/ou no presente. A sociedade distópica ficcional *gileadeana* é caracterizada por controlar rigidamente e distorcer a verdade para manter seu poder. Antes da morte de seus pais adotivos, Daisy já começava a se questionar sobre seu passado, como vemos no excerto a seguir: “Melanie me contou que todas as fotos da minha primeira infância se perderam num incêndio. Só uma idiota para acreditar numa coisa dessas, de forma que acredite” (Atwood, 2019, p. 56). Nesse momento, a protagonista duvida da história contada por Melanie sobre as fotos de sua infância perdidas em um incêndio, fato que

corroborar para criação dessa atmosfera de desconfiança e manipulação constante da verdade, provocada pela influência que transcende as fronteiras físicas de Gilead

Apesar de ter escapado do ambiente hostil, a menina carrega consigo as marcas e as consequências desse lugar durante sua infância e adolescência, vivendo uma vida limitada e distante do que seria considerado normal para outras jovens canadenses. Ela descreve:

fora da escola eu levava uma vida restritiva, já que Neil e Melanie morriam de medo de tudo. Não me deixavam ir a shoppings porque estavam cheios de viciados em crack, dizia Melanie, nem matar o tempo em parques, dizia Neil, por causa dos homens desconhecidos que os rondavam (Atwood, 2019, p. 58).

Percebe-se aqui que essa restrição imposta em seu cotidiano apresenta a constante vigilância e o medo que ainda permeiam sua vida, mesmo após ter deixado para trás a dominação do regime. A influência de Gilead se manifesta de forma duradoura na vida das personagens femininas mesmo após terem escapado do regime opressivo. Essa herança é caracterizada pela perpetuação da restrição, que continuam a moldar suas experiências e perspectivas mesmo em um ambiente supostamente livre. É nessa lógica que se pode compreender a necessidade de esconder partes de si mesma e de sua história para os demais, posto que existe o receio constante de serem descobertas ou enganadas, além da sensação de insegurança persistente. Essas são apenas algumas das marcas - negativas - psicológicas deixadas nas personagens, a partir desse contexto.

No romance, o corpo feminino é politicamente controlado, indicando como a sociedade historicamente tratou o corpo como território a ser governado. Isso se conecta com a ideia de que “as conceituações do corpo através da história da humanidade nos revelam características importantes do pensamento filosófico, que sempre privilegiou a mente em detrimento do corpo” (Xavier, 2007, p. 17). Em distopias, é possível notar que o dualismo entre corpo e mente é muitas vezes exacerbado, levando à alienação das personagens em relação a seus próprios corpos. As figuras femininas podem ser forçadas a separar sua experiência corporal de sua consciência, resultando em uma fragmentação de sua identidade e uma sensação de estranhamento em relação a si mesmas.

Daisy é, de certa forma, forçada a separar sua experiência corporal de sua consciência. Ela precisa esconder seus sentimentos verdadeiros e agir de acordo com o que se espera dela, resultando em uma fragmentação de sua identidade. A personagem leva uma vida dupla, apresentando uma fachada aparentemente conformista enquanto secretamente questiona as estruturas de poder que a cercam. Como se pode observar na passagem a seguir:

Você precisa aprender a editar seus pensamentos – disse ela. – Engula-os. Agora, seguindo em frente. Você é a Bebê Nicole, conforme deve ter ouvido falar no Canadá. - Sim, mas preferia não ser – falei. – Não estou feliz com isso. - Sei que diz a verdade – disse ela. – Mas muitos de nós preferíamos não ser quem somos. Não temos opções ilimitadas nesse setor. Agora, você está pronta para ajudar seus amigos lá no Canadá? (Atwood, 2019, p. 358).

Esse excerto denota que a protagonista é confrontada com a expectativa de ser a Bebê Nicole e agir conforme essa persona, mesmo que isso não indique quem ela realmente é ou o que ela de fato deseja. Ela é lembrada de suas limitações e da necessidade de se conformar com seu papel designado, essa ideia ilustra o conceito de corpo imobilizado, conforme descrito por Elódia Xavier (2007). A teórica destaca que em personagens literárias “a disciplina se impõe de tal forma que anula toda e qualquer iniciativa, ficando a protagonista totalmente imobilizada” (Xavier, 2007, 78). Neste contexto, a disciplina e a imposição de papéis sociais anulam a autonomia e a expressão individual, deixando as personagens femininas “totalmente imobilizadas” em termos de liberdade de escolha e autenticidade.

No contexto da análise proposta por Elódia Xavier (2007), o corpo imobilizado emerge como uma categoria significativa, diferenciando-se do corpo disciplinado pela ausência completa de reação às estruturas de dominação. Sendo assim, essa característica sugere uma resignação profunda e uma incapacidade de resistir ou contestar as imposições externas. Podemos aludir essas características à imobilidade de Daisy, que pode ser entendida devido a sua condição de carregar consigo as consequências de ser a Bebê Nicole. Assim, a personagem se torna um símbolo das implicações devastadoras das estruturas e da maneira como elas podem imobilizar a autonomia e aprisionar os sujeitos através das expectativas pré-determinadas.

Por outro lado, a missão de Daisy, arquitetada por Tia Lydia e o grupo de resistência, para minar o regime opressivo de Gilead, traz à tona a possibilidade de oposição contra a dominação. Ao descobrir que sua irmã, Agnes, também é filha da mesma Aia, Daisy percebe a conexão entre suas vidas separadas, destacando a união de experiências individuais distintas em uma luta comum. Vale lembrar que na República de Gilead a dissidência é proibida, tornando a resistência um ato desafiador ao governo, às normas e estruturas sociais estabelecidas pelo que estão em posição de superioridade. Atwood argumenta que “Distopias extremas são tiranias absolutas, nas quais discordar não é uma possibilidade. Melhor dizendo, na Utopia não são *necessários* quaisquer advogados; na Distopia, não são *permitidos* quaisquer advogados” (Atwood, 2009, p. 107, grifos da autora). No entanto, mesmo em ambiente

conflituoso, ao se infiltrar em Gilead a protagonista desafia as lógicas de organização funcional e silenciamento presentes no universo distópico.

#### 4.2 Jade: Daisy contra Gilead

O mundo atual apresenta desafios significativos para muitos grupos e indivíduos. A degradação ambiental, a precarização do trabalho, a crescente desigualdade social e a política, juntamente com a propagação de discursos de ódio e de violência, criam uma realidade que está longe de ser ideal. Essa situação tem guiado nossos pensamentos para a criação de produções literárias que fomentam a imaginação de futuros sombrios, como é o caso das narrativas distópicas, que abordam temas como controle sexual e reprodutivo, entre outros.

Neste contexto, o percurso de Daisy, que acima de tudo herda o legado por ser filha de uma Aia fugitiva, ecoa de forma contundente a realidade distópica. Sua trajetória evidencia como mulheres são impactadas pelo controle de suas vidas e escolhas pessoais, temas que são preocupações contemporâneas. Ela usa o pseudônimo de Jade ao se infiltrar em Gilead em nome do grupo de resistência *Mayday*. A identidade secreta é a apresentação do caráter de sigilo no mundo distópico de Margaret Atwood, em que qualquer falha pode resultar nas punições mais severas, como exemplo, a tortura. Ao refletir sobre sua escolha de pseudônimo, a protagonista pondera: “Eu devia escolher outro nome [...] As pessoas podiam estar procurando uma Daisy, e Nicole eu não podia ser, de jeito nenhum. Então eu resolvi que me chamaria Jade. Eu queria algo mais resistente do que uma flor” (Atwood, 2019, p. 223). Neste sentido, a escolha de mudança de nome sugere uma nova trajetória que irá representar seus próximos passos, buscando a força para enfrentar sua missão.

Desse modo, é possível enxergar que, assim como Agnes, os nomes das personagens desempenham um papel significativo na construção do contexto narrativo distópico de Gilead. O nome Daisy carrega uma conotação de pureza, inocência e a capacidade de adaptação em diversos lugares, características próprias de uma flor, associadas à margarida, tradução livre de seu nome. Em contraste, o significado do nome Jade faz referência a uma pedra preciosa muito valiosa e resistente que condiz com sua missão.

No romance, os três nomes atribuídos a uma mesma personagem Daisy/Jade/Nicole desempenham um papel na progressão do enredo e na exploração dos temas distópicos. Antonio Candido (2014, p. 53-54) afirma que: “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuídos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. Ainda nesse sentido, podemos

compreender que em narrativas, o enredo e as personagens são elementos intrinsecamente ligados, trabalhando juntos para desenvolver os temas e transmitir as mensagens da obra literária. O enredo normalmente se desenrola através das ações e interações das personagens, enquanto estas são moldadas e influenciadas pelo ambiente em que vivem. Portanto, o enredo “indica como se dá a ligação entre personagens, acontecimentos e situações. O enredo é a lógica ou a dinâmica interna da narrativa” (Eagleton, 2019, p. 123).

A capacidade de imaginar realidades distintas e muitas vezes sombrias na ficção especulativa nos leva a considerar nossa própria natureza. Antonio Candido (2014), em seu ensaio *A personagem do Romance*, afirma que:

uma das funções capitais da ficção, é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres. Mais ainda de poder comunicar-nos este conhecimento (Candido, 2014, p. 64).

É possível, através do excerto enfatizar a importância da personagem na literatura como uma ponte entre a realidade e a ficção, capaz de proporcionar conhecimento. Candido (2014) destaca que essa capacidade está ligada à habilidade de escritores e de escritoras em criar uma personagem credível. Embora a personagem de ficção não represente fielmente uma situação vivida por um ser real específico, as situações que ela enfrenta devem espelhar aspectos da vida real, permitindo ao público leitor se identificar e compreender melhor a narrativa, conforme argumenta o teórico da literatura.

Como apontado anteriormente, para representar uma singularidade, é necessário que se faça referência a aspectos mais ou menos genéricos que reconhecemos e com os quais podemos nos identificar (Eagleton, 2019). A situação de Daisy, em *Os testamentos*, exemplifica as escolhas que os indivíduos enfrentam em sociedades opressivas. Ao ser levada para um novo esconderijo em Carnarvon e instruída a se infiltrar em Gilead, Jade é confrontada com uma decisão de vida ou morte: colaborar com o grupo de resistência *Mayday* para minar o regime totalitário de Gilead ou permanecer em uma segurança relativa, mas em constante perigo.

Jade se deixa convencer a entrar em Gilead pelas *Pearl Girls* [as pérolas]. Elas são jovens recrutadoras de Gilead, especificamente postulantes das Tias, que têm a missão de convencer outras mulheres a se juntarem à sociedade opressiva e fundamentalista de Gilead. Essas pérolas são habilidosas em manipular e seduzir mulheres vulneráveis, oferecendo-lhes uma visão distorcida de segurança em meio ao caos e à incerteza do mundo exterior. Elas prometem um ambiente supostamente seguro dentro das fronteiras de Gilead, apelando para o medo e a necessidade de pertencimento de seus potenciais recrutas. Segundo Izarra (2001, p.

07) “Como toda obra de arte, as narrativas literárias exercem uma função política e estética na sua relação com a sociedade através dos imaginários que elas acionam”. Sendo assim, através da ação das pérolas, mulheres que se vestem com “vestidos cinza prata de saia comprida” (Atwood, 2019, p. 281), percebemos o poder das narrativas literárias em questionar dinâmicas políticas e sociais. As pérolas não apenas persuadem personagens como Jade, mas também espelham a realidade ao oferecer segurança distorcida em troca de conformidade.

As normas de vestimenta são utilizadas em Gilead para reforçar e impor as hierárquicas políticas de gênero. Tia Dove usa a vestimenta como um símbolo de adesão às regras e valores de Gilead, apresentando-a como um imperativo moral baseado na interpretação distorcida da Bíblia pelas autoridades de Gilead. Podemos notar na passagem a seguir que a imposição de requisitos para que Jade possa entrar em Gilead através da pérola chamada de Tia Dove:

Então Tia Dove disse que o motivo mais importante além daquele para usar o vestido prateado era facilitar minha entrada em Gilead, pois lá mulher não usava roupa de homem. Eu falei que leggings não eram roupa de homem, e elas disseram - calma, porém firmemente - que eram sim, e que estava na Bíblia, eram uma abominação, e que, se eu quisesse fazer parte de Gilead, teria que aceitar isso (Atwood, 2019, p. 289).

Vale mencionar que, ao afirmar que as *leggings* são uma abominação e que sua aceitação é um requisito para fazer parte de Gilead, Tia Dove e as autoridades de Gilead estão utilizando a religião novamente como uma ferramenta de controle, impondo uma visão fundamentalista e restritiva sobre quais vestimentas são adequadas às mulheres. Essa imposição reforça a subordinação das mulheres em Gilead, bem como evidencia como as normas de vestimenta podem ser usadas também como uma forma de manipular as escolhas, especialmente quando consideramos o sistema de castas, que é central na organização política do lugar.

Neste contexto, Jade irá enfrentar muitas dificuldades em se adaptar ao novo mundo. Sua postura crítica e questionadora a coloca em conflito com o ambiente conservador de Gilead, intensificando a sensação de “estrangeira” naquela sociedade. A transcrição de seu depoimento como Testemunha 369B revela a profunda estranheza e alienação que ela sente ao tentar se adaptar à sociedade distópica de Gilead. Ela descreve Gilead como “escorregadio como gelo” (Atwood, 2019, p. 341), indicando a dificuldade de compreender e se ajustar às normas e expectativas desse novo mundo. A protagonista, através da metáfora do gelo, sugere a instabilidade que ela percebe em Gilead, onde as interações sociais são incomuns e as regras não são claras.

Além disso, Jade descreve a primeira reunião na capela como uma experiência desconcertante, onde se sente observada e julgada pelas outras mulheres de forma perturbadora, comparando a situação a uma cena de filme de terror. Podemos perceber essa sensação no seguinte relato: “todas estavam me olhando fixamente e sorrindo de um jeito meio simpático, meio faminto, como naquelas cenas de filmes de terror em que você percebe que os aldeões vão acabar se revelando vampiros” (Atwood, 2019, p. 341). Esse sentimento de desconfiança e ameaça contribui para sua sensação de alienação e isolamento.

Em outro momento, a personagem relata como é confrontada com a brutalidade do regime fundamentalista totalitário através da chamada “Particicução”, uma espécie de julgamento do local. A Particicução, descrita como uma execução violenta, acrescenta uma camada de horror ao entendimento da Testemunha 369B sobre o papel das Aias em Gilead. No trecho a seguir, ela descreve a cena como um tumulto violento: “dois homens literalmente reduzidos a pedaços por uma turba furiosa de mulheres. Gritava-se, chutava-se, mordida-se, sangue por toda parte, especialmente nas Aias: elas ficaram recobertas” (Atwood, 2019, p. 341). A protagonista é confrontada com a crueldade da sociedade em que agora vive, levando-a a reconsiderar sua visão sobre sua própria mãe e seu possível envolvimento nesse sistema opressivo.

Jade, ao se deparar com a violência no território *gileadeano* e principalmente a ferocidade da Particicução, não se resigna ao papel de vítima passiva. Em vez disso, a protagonista busca maneiras de sobreviver futuramente e, mais importante, de agir contra a opressão que a cerca. Inicialmente, Jade pode ter se sentido desesperada e impotente diante das injustiças e dos abusos do regime. No entanto, ao longo de sua missão, ela descobre que há outras mulheres que compartilham de sua insatisfação e que estão dispostas a se unir a ela na luta por mudança, como sua irmã Agnes, Tia Lydia e até mesmo Becka. Essa mudança foi possível pois as distopias críticas “recusam-se a permitir que a tendência utópica seja obscurecida por sua nênese antiutópica” (Moylan, 2016, p. 154).

As diferentes visões de Daisy e Agnes sobre Gilead são evidentes em suas atitudes em relação ao regime. Jade, influenciada por narrativas externas, questiona ativamente as normas do regime, enquanto Agnes, com uma exposição limitada a outras narrativas internas, aceita as normas de forma mais resignada. Diferentemente de Jade, sua irmã aceita a ideia de que as mulheres precisam proteger os homens “do poder tentador e ofuscante” (Atwood, 2019, p. 17) que elas detêm, expressando a ideologia patriarcal e sexista de Gilead. Sua perspectiva é limitada pela estrutura social em que está inserida. No entanto, mesmo com essas visões diferentes, isso não foi o bastante para elas desistirem da missão de levar informações que



serviram de motivos para a derrocada de Gilead. Esse objetivo foi alcançado através de um caminho repleto de desafios, incluindo a inserção de um microponto no corpo de Jade.

O uso de um microponto como meio de transporte de informações importantes para a queda de Gilead é uma estratégia significativa. Os micropontos são uma tecnologia que permite armazenar grandes quantidades de dados em um espaço minúsculo, são “quase invisíveis” (Atwood, 2019, p. 214) a olho nu. Nesse contexto, o fato de as informações serem levadas através de um microponto justamente no corpo de Daisy carrega uma simbologia. Em primeiro lugar, o uso do corpo como veículo para informações secretas pode ser visto como uma metáfora da resistência feminina dentro da narrativa. Em um mundo onde os corpos femininos são constantemente controlados e objetificados, a ideia de usar o corpo de uma mulher para transportar informações subversivas pode ser interpretada como uma forma de reivindicar o próprio corpo como um espaço de autonomia. Em segundo lugar, o microponto no corpo de Jade representa a coragem necessária para desafiar um regime totalitário.

Em um momento posterior, Becka deixou palavras significativas antes de sua morte comparando a luta das protagonistas a aves que levam mensagens como na passagem a seguir: “vou pensar em vocês como aves, levantando voo – disse ela. – As aves dos céus levarão a voz” (Atwood, 2019, p. 381). Essa metáfora que ressoa a ideia de que as vozes femininas impulsionam a liberdade e a justiça é muito significativa no enredo da obra. Além disso, a ideia de carregar consigo informações perigosas, que podem colocar sua vida em risco, destaca os sacrifícios e os riscos enfrentados por aqueles que lutam pela liberdade e pela justiça em um mundo opressivo.

Jade enfrenta inúmeros sacrifícios ao longo de sua jornada desde as dificuldades que enfrentou durante a fuga de Gilead. Ela ficou doente no barco chamado Nellie J. Banks, na jornada para retornar ao Canadá, justamente em consequência do microponto em seu braço. A protagonista já havia se questionado antes: “se meu corpo e a mensagem eram uma coisa só, o que ia acontecer caso meu corpo não chegasse ao Canadá?” (Atwood, 2019, p. 385). Além disso, ela teve que enfrentar o medo constante de ser descoberta pela guarda costeira e pelas autoridades de Gilead. Ademais, teve que lidar com a incerteza e a pressão de estar em um bote à deriva, remando sem parar para evitar ser levada pela correnteza. No entanto, mesmo quando estava exausta e com medo, continuou lutando, porque sabia que a liberdade valia a pena. No final, os sacrifícios de Jade foram recompensados quando ela e Agnes finalmente conseguiram chegar à um local de segurança.

No desfecho de *O conto da aia*, Margaret Atwood deixa em aberto o destino de Offred, narradora do romance, tornando difícil determinar o que aconteceu com ela depois. No entanto,

é possível inferir que ela tenha conseguido escapar de Gilead. Uma das teorias sugeridas, no último capítulo da obra *Os testamentos*, é que Nicole e sua irmã Agnes Jemina poderiam ser filhas de Offred. Como na passagem seguinte:

Quem teria sido a mãe dessas duas meias-irmãs? Sabemos que existiu uma Aia fugitiva que atuou como agente de campo do *Mayday* por alguns anos. [...] Ainda não excluimos definitivamente essa pessoa como possível autora das fitas do “Conto da Aia” encontrados no baú militar; e, segundo a narrativa citada, esta pessoa teve ao menos duas filhas (Atwood, 2019, p. 442).

Dito isso, a conexão de Agnes e Daisy como filhas de Offred também pode ser vista como uma continuidade nas lutas das mulheres no mundo. É possível destacar a ideia de que as mulheres estão unidas em sua luta contra a opressão, independentemente das circunstâncias ou do tempo que separa suas histórias. *Os testamentos*, de Atwood, encerra-se com o capítulo intitulado “o décimo terceiro simpósio” em que o professor Peixoto afirma que os relatos de Agnes e Nicole foram recolhidos e transcritos pelos membros do *Mayday*, enquanto o relato de Tia Lydia foi um diário clandestino. Esses relatos são apresentados como documentos históricos que contribuem para o entendimento dos eventos que levaram à queda de Gilead e para a compreensão do impacto desse regime na vida das pessoas envolvidas. O fato de os relatos terem sido preservados e compartilhados pelo *Mayday* sugere a importância de documentar e transmitir a história como uma forma de sobrevivência e de preservação da memória.

Portanto, o ato de narrar, relacionado à utopia e à distopia, é essencial para a compreensão do ser humano sobre sua própria condição e o mundo que o cerca. Ambos os gêneros literários apresentam um espelho para sociedade. Atwood (2009, p. 108), em relação à utopia explica que: “distopia é sua imagem de pesadelo refletida no espelho, é o desejo de esmagar dissidências levados a extremos inumanos e lunáticos”. Essas narrativas distópicas apresentam os anseios, medos e desafios da sociedade, “ambas são necessárias para a imaginação: se não pudermos visualizar o bom, o ideal, se não soubermos formular o que queremos, receberemos, aos montes, o que não queremos” (Atwood, 2009, p. 108).

Vale salientar que Daisy não apenas se destaca como protagonista, mas evidencia um papel central na narrativa. Esse aspecto se contrapõe ao fato de a maioria das distopias, sobretudo as escritas por homens, representarem as mulheres como personagens secundárias, conforme a própria Margaret Atwood (2009) acentua. O percurso de Daisy destaca a importância de dar voz às mulheres dentro da narrativa, especialmente a ficção distópica feminista, ao contrário das distopias tradicionais, nas quais as mulheres muitas vezes são retratadas também como personagens secundárias ou como elementos que servem apenas para

influenciar os protagonistas masculinos. Vale destacar que esse aspecto de intercalar as vozes narradoras, amplia o escopo da obra, possibilitando a ampla compreensão das dinâmicas do regime opressor. A multi-perspectividade, em *Os testamentos*, realça a coletividade ao abordar o feminino de forma abrangente. Atwood evidencia as experiências femininas, mostrando como as vozes individuais se somam para criar uma narrativa mais representativa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distopia enquanto gênero literário desempenha um papel central no *corpus* analisado nesta pesquisa, especialmente no contexto opressivo da República de Gilead, conforme apresentado em *Os testamentos* de Margaret Atwood, que traz à tona questões centrais sobre a condição da mulher numa sociedade distópica. Ao longo deste trabalho, buscou-se uma breve exploração acerca desse gênero. Foi observado que, ao contrário do que se possa pensar, utopia e distopia não são conceitos opostos, mas sim complementares, representando diferentes faces de uma mesma realidade. Em síntese, na narrativa que analisamos, percebe-se uma mescla de elementos utópicos e distópicos, característicos da distopia crítica, onde a esperança se destaca como um fio condutor. Compreendemos que o protagonismo feminino enriqueceu de forma significativa a construção e o entendimento no que concerne à distopia aterrorizante de Gilead.

O romance apresenta características distópicas feministas, ao explorar como os corpos femininos são moldados por discursos autoritários, que se refletem no tratamento e na imposição de tarefas funcionais às personagens femininas. Dito isso, realçamos que a distopia emerge como um gênero literário relevante, capaz de suscitar questionamentos fundamentais sobre a natureza da sociedade real e do poder exacerbado, especialmente no que se refere à representação e à experiência das mulheres. Tornou-se evidente que, ao longo do romance, as vozes femininas das três protagonistas se entrelaçam de maneira poderosa, apesar de suas experiências e perspectivas distintas, unindo-se com sucesso, possibilitando a derrocada do regime. Essa união demonstrou através de seu encontro que, apesar de tudo, da opressão e de tantas incertezas, as protagonistas continuam firmes com uma determinação capaz de mudar o futuro através da esperança: “[...] você é só um desejo, uma possibilidade, um fantasma. Ouso dizer uma esperança? Tenho direito à esperança, é claro” (Atwood, 2019, p. 191).

Assim, concordamos que, por meio da análise realizada, confirmamos a ampliação da profundidade das personagens femininas na narrativa, especialmente no caso de Tia Lydia. Sua evolução de uma mulher autoritária para uma pessoa subversiva revela a capacidade de adaptação mesmo em contextos distópicos opressivos. A interação entre Tia Lydia e outras personagens, como Daisy e Agnes, demonstra como a solidariedade entre as mulheres pode desafiar estruturas de poder já estabelecidas. A protagonista passa por uma transformação significativa, evoluindo de uma personagem plana para uma personagem esférica e de uma antagonista para uma peça importante na resistência contra o regime de Gilead. Com isso, essa mudança permite que Lydia use sua posição de certo prestígio como método de sobrevivência, além de garantir que seus objetivos de derrubar Gilead sejam atingidos.

A trajetória de Agnes revela a capacidade das mulheres de transformarem suas realidades, mesmo em sociedades distópicas inquisidoras. Sua evolução de uma posição de submissão para uma de poder simboliza a busca constante pela liberdade e pela verdade, destacando a importância de explorar novas alternativas. A história de Agnes nos lembra que, mesmo diante das maiores adversidades, a esperança e a coragem podem inspirar a revolução. Além disso, foi possível perceber, através da trajetória dela, a importância do conhecimento para fomentar a consciência da realidade que vivenciam, a fim de desafiar as estruturas autoritárias. A personagem exemplifica como o entendimento verdadeiro pode levar à conscientização e transformação pessoal e coletiva. Ao descobrir a manipulação por trás das histórias contadas em Gilead, ela demonstra que a informação pode ser um poderoso instrumento de libertação, seja física ou psicológica.

Daisy, por sua vez, destacou-se também por sua coragem e determinação ao se arriscar para desafiar o governo de Gilead. O uso de seu próprio corpo como veículo para transportar informações valiosas e perigosas, através do microponto, subverte a objetificação e controle dos corpos femininos nessa sociedade, bem como indica a importância de reivindicar o próprio corpo como um espaço de autonomia e pertencimento pessoal. Vale ressaltar também, o peso adicional que sua ligação com a Bebê Nicole adiciona a essas ações, já que, apesar de que viveu no Canadá, Daisy experimenta indiretamente as consequências do regime de Gilead, tornando suas ações ainda mais impactantes e simbólicas.

A escolha de analisar a categoria personagem, neste estudo, foi motivada pela estratégia narrativa de Atwood em *Os testamentos*, que inclui os relatos da narrativa através de capítulos dedicados a cada personagem. A escritora habilmente intercala e entrelaça três perspectivas femininas, demonstrando a importância de múltiplos pontos de vista para retratar as crueldades presentes nessa ficção, especialmente aquelas vivenciadas pelas mulheres, em um universo distópico que frequentemente tende a silenciar suas vozes. Essa abordagem enriquece a profundidade das personagens e enfatiza a necessidade de dar voz e visibilidade às experiências femininas, sublinhando assim a resiliência das mulheres diante da opressão que é apresentada aos leitores. Essa análise reforça a relevância do romance de Atwood como uma obra que desafia as estruturas literárias tradicionais, subvertendo a ideia da retratação da mulher de forma estereotipada.

Por último, mas não menos importante, a análise da categoria personagem na obra revela uma rede de esperança e luta, fundamentais para a construção do sentimento utópico de desmontar o sistema opressivo, que foram indispensáveis para a pesquisa em relação à distopia crítica. No entanto, é preciso clarificar que essa análise é apenas o ponto de partida para mais

investigações. O romance oferece um vasto campo para outras pesquisas, incluindo o estudo do simbolismo, bem como outros elementos da narrativa, como, por exemplo, o espaço. Além disso, o simpósio apresentado no último capítulo oferece uma oportunidade interessante para pesquisas mais aprofundadas, sobre a compreensão dos relatos no futuro pós-Gilead. As referências à Bíblia e ao discurso religioso deturpado na distopia, constituem, também, pontos de extrema importância para trabalhos futuros.

## 6 REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. *Buscas curiosas*. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- ATWOOD, Margaret. *In other worlds: SF and the human imagination*. Anchor, 2011.
- ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ATWOOD, Margaret. *Os testamentos*. Tradução Simone Campos. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Editora AmazonClassics, 2017. E-book Kindle.
- BARTHES, Roland et al. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Ed.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CAVALCANTI, Ildney. “You've Been Framed”: O Corpo da Mulher nas Distopias Feministas. In: MONTEIRO, Maria Conceição; DE OLIVEIRA LIMA, Tereza Marques (Ed.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. Editora Mulheres, 2006, p. 303-313.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. *Metodologia de pesquisa em literatura*. São Paulo: Parábola, 2020.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- IZARRA, Laura P. Zuntini de. Introdução: questionando as utopias nas narrativas literárias de fim de século. In: IZARRA, Laura P. Zuntini de (org.). *A literatura da virada do século: fim das utopias?* São Paulo: Humanitas /FFLCH/ USP, 2001
- MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2006.
- NIXON, Rob. *Slow violence and the environmentalism of the poor*. Boston: Harvard University Press, 2011.
- MOYLAN, Tom. *Distopia: fragmentos de um céu límpido*. Tradução Felipe Benício, Pedro Fortunato, Thayrone Ibsen. Maceió: EDUFAL, 2016.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RENAUX, Sigrid. “Margaret Atwood: A República de Gilead Revisitada”. In: IZARRA, Laura P. Zuntini de (org.). *A literatura da virada do século: fim das utopias?* São Paulo: Humanitas /FFLCH/ USP, 2001

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

ZANIBONI, Juliana. O impacto dos movimentos sufragistas no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. *O Cosmopolítico*, v. 5, n. 2, p. 18-31, 2018.